



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Luiza Roure de Aguiar Rodrigues

Redes Sociais e Visibilidade Social Juvenil

Brasília - DF

2017

Luiza Roure de Aguiar Rodrigues

Redes Sociais e Visibilidade Social Juvenil

Monografia de graduação submetida ao Curso de Ciências Sociais, habilitação em Sociologia da Universidade de Brasília, para obtenção do grau de bacharel em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Christiane Machado Coelho.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer à minha mãe e ao meu pai. Desde pequena eles sempre incentivaram para que eu corresse atrás dos meus sonhos e objetivos. Além de terem me dado todo apoio afetivo e financeiro para que eu pudesse estudar fora de casa. Quero agradecer também a minha tia Elna Roure de Aguiar e minha prima Isadora de Roure por terem me acolhido, facilitando minha adaptação em Brasília. E por último e não menos importante a minha orientadora professora doutora Christiane Machado Coelho por ter acreditado nesse trabalho e me auxiliado para que essa pesquisa se concretizasse e ao professor Michelangelo Giotto S. Trigueiro por ter aceito o convite de participar da banca deste trabalho.

RESUMO

O trabalho apresentado tem o propósito de discutir a relação entre juventude e redes sociais tendo como chave a questão da visibilidade, status social e da busca de pertencimento. Dessa maneira, quer analisar os motivos sociais e históricos que levam jovens a exporem suas vidas privadas nas redes sociais. Além disso, há também o propósito de compreender como essas novas dinâmicas de sociabilidade que a internet proporciona, acabam por interferir na construção da subjetividade dos jovens. As técnicas utilizadas foram a etnografia virtual e a entrevista semiestruturada. Os resultados encontrados foram que os jovens não postam apenas seu cotidiano por causa da vaidade, mas também postam seu dia a dia para encontrar outras pessoas que tenham gostos semelhantes e com isso encontrarem pertencimento nesse mundo tão fluido que a Internet.

Palavras-chaves: Juventude; Visibilidade; Redes sociais; Sociabilidade

ABSTRACT

The present college work has the purpose of discussing the relationship between youth and social networks, having as key the question of visibility, social status and the search for belonging. In this way, it wants to analyze the social and historical reasons that lead young people to expose their private lives in social networks. In addition, there is also the purpose of understanding how these new dynamics of sociability that the internet provides, interfere in the construction of youth subjectivity. The techniques used were the virtual ethnography and the semi-structured interview. The results found were that young people do not just post their daily lives because of vanity, but also post their daily lives to find other people who have similar gouty and thus find membership in this world as fluid as the Internet.

Keywords: Youth; Visibility; Social Networks; Sociability

SUMÁRIO

RESUMO-----	03
ABSTRACT-----	04
INTRODUÇÃO-----	06
METODOLOGIA-----	11
INTERNET E REDES SOCIAIS-----	13
DA INTIMIDADE À VISIBILIDADE-----	19
JUVENTUDES E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NA REDE SOCIAL FACEBOOK-----	26
RESULTADOS E DISCUSSÕES -----	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	47
BIBLIOGRAFIA -----	49
ANEXOS -----	88

INTRODUÇÃO

O surgimento da Internet, como menciona Manuel Castells (2013) é uma história de uma “aventura humana extraordinária”, ocasionando grandes mudanças sociais. Essa nova ferramenta redesenhou diferentes aspectos da vida em sociedade. Novas formas de produções de conteúdos surgiram. Os próprios sujeitos podendo produzir conteúdo de maneira relativamente autoral, mostrando suas opiniões e ao mesmo tempo, virando importantes formadores de comportamento e conduta, podendo fugir das mídias tradicionais ligadas as grandes corporações. A Internet auxiliou na ampliação da luta por direitos e deu mais voz ativa aos movimentos que ainda não conseguiram ganhar representatividade e força na esfera política, como o movimento negro, feminista e LGBTs. Essa ferramenta possibilitou que novas formas de produção, consumo e transações comerciais surgissem. Dessa maneira, inaugurando o que os especialistas chamam de “capitalismo Informacional”. O espaço virtual ganha importância fundamental para o lucro, publicidade para os produtos e até mesmo na relação entre vendedor e consumidor.

Essas novidades produzidas não passariam de forma passiva em relação à cultura. Ela não apenas foi influenciada pelo mundo *offline*, todavia, o próprio universo da Internet possibilitou que uma “cultura cibernética” surgisse, influenciando o mundo físico. Portanto, criando condições culturais até então nunca vistas. Pessoas de diferentes lugares no mundo podendo se socializar em poucos minutos através de uma *webcam*. O acesso facilitado a diferentes manifestações culturais em apenas um clique, como o caso da cultura *Kpop*, por exemplo.

É importante ressaltar que as gerações vivenciaram o impacto do avanço tecnológico de maneiras diferentes. Karl Mannheim (1928) bem antes do avanço tecnológico já mostrava essa diferença geracional ao ser um dos percussores do estudo geracional com sua sociologia das gerações. Geração, para esse autor, segundo Doll (2003), pode ser denominado como “um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidadecultural” (DOLL, 2003). Essa conceituação é importante, pois rompe com a visão positivista que via o conceito de geração apenas como um fator biológico e etário (DOLL, 2003).

A geração X é composta por pessoas que nasceram entre 1960 a 1980 e que passaram por momentos turbulentos nas áreas econômicas, políticas e sociais (MARTINS e PENA, 2015). Vivenciaram a guerra fria, a crise do petróleo, guerra do Vietnã, a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética. No Brasil, essa geração vivenciou o golpe militar, as diretas já, as diversas crises econômicas que até ganhou nome dos historiadores como a “década perdida”. Por isso mesmo, esse grupo se tornaram mais práticos e focados em resultados individuais que lhes garantissem uma vida equilibrada (MARTINS e PENA, 2015). Em relação à tecnológica essa geração teve contatos bem tímidos, utilizando as mídias consideradas “tradicionais” como a televisão e o vídeo cassete. A tecnologia, como o computador, ainda estava em aprimoramento e não era algo comum para a população dessa época.

Os filhos da geração X foram denominados como a geração Y. Essa geração é conceituada como aquele grupo de pessoas que nasceram entre os anos de 1980 a 2000 e as principais características desse grupo são: ter nascido em uma época de prosperidade econômica e política do que as gerações anteriores, criados em um tempo em que os valores tradicionais, como a ressignificação do conceito de família, começavam a entrar em xeque e principalmente por vivenciarem a época em que o avanço tecnológico começava a se popularizar (MARTINS e PENA, 2015). Foi à primeira geração que de fato teve que aprender a lidar com as novas ferramentas que o mundo digital proporcionava. Por terem contato com essas tecnologias na adolescência, acabaram por ajudar na popularização das mídias sociais e em todo o aparato tecnológico que surge no contexto da Web 2.0. E por isso mesmo têm mais facilidade com as ferramentas digitais do que a geração anterior.

E por último, existe o grupo que é considerado como os verdadeiros “nativos digitais” ou também denominados de geração Z. Essa geração já não conhece o mundo sem computador, smartphone e tablete e compreende as crianças e jovens de hoje. A Geração Z tem informações por meio da internet, utilizando ferramentas como smartphones, tablets etc. Sua vida é regada a muita informação, pois tudo que acontece é noticiado em tempo real e muitas vezes esse volume imenso acaba se tornando obsoleto em pouco tempo (CIRIACO, 2009). As consequências dessa geração para a sociedade informacional ainda estão em estudo.

E é dentro de todo esse universo que é a Internet e de como ela interferiu em diversas fases históricas e geracionais, esse trabalho irá focar em uma parte específica. A Internet possibilitou que diversos meios, para diferentes fins, fossem criados. Entre esses meios existe o que se denomina de mídias sociais. As mídias sociais são espaços de interação entre usuários, como por exemplo: blogs, microblogs (Twitter), redes sociais (Facebook), fóruns etc. Mais especificamente, esse trabalho terá um olhar para a mídia social Facebook. Além disso, pelas gerações Y e Z serem as mais influenciadas por esse contexto, elas estarão como foco de análise também.

Um fato que comprova que as gerações Y e Z são de fato as mais conectadas não só em relação à internet, mas também as mídias sociais é uma pesquisa realizada pelo Comitê gestor da internet no Brasil (CGI), realizada em 2012, mostra que 70% dos jovens entre 9 e 25 anos têm perfis em redes sociais e 68% usam a internet para navegar em redes sociais. Entre as crianças de 9 a 10 anos, este valor abrange 44% do total. Já entre pré-adolescentes de 11 e 12 anos, o percentual de usuários de redes sociais chega a 71%.

Portanto, as redes sociais possibilitaram que novos canais de sociabilidade e transmissão de conteúdo surgissem, principalmente para os jovens. E um fato facilmente observável é o constante compartilhamento do cotidiano nas redes sociais. Os perfis na rede como diários, contando o seu dia a dia. Contudo, não diários íntimos como os que existiam no século XIX. E sim diários abertos em que quase qualquer um pode ter acesso. Se o diário era usado no âmbito do íntimo (com cadeado) para que ninguém, sem ser o autor, tivesse acesso ao conteúdo, o que pode ter acontecido para que agora, a descrição do cotidiano passasse do íntimo (privado) para o exterior (público)?

A partir de tudo isso, a pergunta de pesquisa que vai nortear todo o trabalho é: Por que jovens universitários (18-25 anos) expõem seu cotidiano no Facebook? Portanto, o objetivo geral desse trabalho é compreender o que motiva jovens, mais especificamente jovens universitários (18-25 anos), a exporem seu cotidiano no Facebook. Entre os objetivos específicos destaca-se:

1. Analisar como essas motivações interferem na construção da identidade e da subjetividade juvenil.

2. Compreender quais são os processos sócios históricos que possibilitaram que a exposição da vida íntima ganhasse relevância.
3. Identificar quais são os recursos utilizados pelos jovens para a exposição de seu cotidiano no Facebook.

Para alcançar os objetivos, a amostra será de natureza teórica. O objetivo da amostragem teórica não é o mesmo da amostragem probabilística; o objetivo não é uma captação representativa de todas as possíveis variações, mas para obter um entendimento mais profundo dos casos analisados e para facilitar o desenvolvimento de “frames” analíticos e conceitos usados na pesquisa (JÚNIOR, 2006). Diferentemente do que ocorre em uma amostragem estatística, onde se procura uma amostra aleatória que seja representativa da população, na amostragem teórica o critério básico para seleção de unidades de estudo é sua relevância teórica, ou seja, a sua contribuição para o desenvolvimento do assunto (JÚNIOR, 2006).

Assim, os dados coletados, codificados e analisados de forma sistemática e simultânea até a saturação teórica, ou seja, até que os dados novos ou relevantes não sejam mais encontrados ou que comecem a se repetir. Para tal empreendimento, deve-se utilizar a “sensibilidade teórica”, compreendida como a destreza para olhar os dados com perspicácia e imaginação com o objetivo de verificar a relevância dos dados e discernir o que é ou não é pertinente ao estudo (STRAUSS; CORBIN, 1990).

Além disso, a natureza não aleatória é muito mais rica nesse caso, faz o cientista fugir um pouco das “categorias convencionais” ao não deixar de lado os casos que fogem à regra. Além disso, “(...) Excluir casos porque parecem sem graça ou politicamente embaraçosos também é um erro garantido” (BECKER, 2007, p. 144).

Assim, a amostra desse trabalho contará com jovens de ambos os sexos de idades entre 18 a 25 anos. Além da delimitação dessa faixa etária, os jovens escolhidos são todos de nível universitário, mais especificamente da Universidade de Brasília. E todos os entrevistados possuem perfil no Facebook e costumam usar essa rede social de forma sistemática. Essa mostra foi escolhida, em primeiro lugar, para conciliar com o objeto e hipótese de pesquisa. Isso se deu, pois ambas têm o comportamento jovem nas redes sociais como foco de análise. A amostra se restringe a alunos da universidade de Brasília, por causa da logística e da impossibilidade de conseguir captar as motivações de todos os jovens que utilizam o Facebook.

A hipótese aqui formulada se baseia em basicamente em duas obras. A primeira é “A Sociedade do Espetáculo” (2003) do autor Guy Debord. A segunda é “O show do eu” (2008) da antropóloga argentina Paula Sibilia. Na primeira, com uma abordagem marxista, o autor vai afirmar que nas culturas contemporâneas há o nascimento de uma sociedade do espetáculo. Em uma sociedade de modo de produção capitalista, tudo que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação (DEBORD, 2003, p.15). Assim, querendo argumentar como em um sistema capitalista, a imagem e a aparência são qualidades valorizadas em detrimento do real.

Já na segunda obra, Paula Sibilia vai discorrer que na passagem do século XX para o XXI foi marcada por uma mudança comportamental e na forma de como nós nos construímos enquanto sujeito. A passagem de uma subjetividade individual, baseada na defesa do privado e da solidão, para uma subjetividade autocentrada, captação dos olhares alheios em um mundo saturado de estímulos visuais (SIBILIA, 2008, p. 23).

Dessa maneira, a hipótese defendida nessa pesquisa é que jovens são motivados a exporem seu cotidiano no Facebook em busca de visibilidade social. Essas construções de si orientadas para o “olhar alheio” ou exteriorizadas são influências por uma sociedade urbana, moderna e capitalista que estimula valores como a visibilidade, as aparências e a individualidade.

METODOLOGIA

A metodologia aqui utilizada será de base qualitativa. A metodologia qualitativa está mais interessada no micro, ou seja, tem como objetivo a tentativa de acessar os aspectos subjetivos dos entrevistados e conseqüentemente tentar compreender, em certa medida, a visão de mundo dos entrevistados. Entre as técnicas utilizadas foram: A entrevista episódica semiestruturada e a etnografia virtual.

A primeira técnica, de natureza qualitativa, foi a entrevista episódica semiestruturada. Ela foi escolhida porque possibilita acessar o conhecimento cotidiano sobre determinados objetos ou processos. No caso em questão, essa técnica vai possibilitar que seja possível captar as prováveis motivações dos jovens entrevistados para que tenham o hábito constante de compartilhar seu cotidiano no Facebook.

A segunda técnica foi a Etnografia Virtual. A etnografia é um método usualmente usado na antropologia, mas que se expandiu para outras áreas das ciências humanas que tem como característica principal a interação direta entre o pesquisador e o pesquisado. Contudo, o surgimento das tecnologias da informação e de sua importância na sociedade e conseqüentemente tornando-se interesse de assunto de diversas áreas do conhecimento, acabou por ser penetrada pela etnografia. Todavia, pelo ciberespaço ter suas peculiaridades, essa metodologia acabou tendo que ser adaptada. Segundo o artigo “Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos” (2012), essa técnica passou por duas perspectivas diferentes ao longo da sua formulação teórica. A primeira perspectiva enfoca que:

A primeira perspectiva é aquela segundo a qual a internet representa um lugar, um ciberespaço, onde a cultura é constituída e reconstituída. Nesse sentido, a internet é normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do offline e os estudos que seguem essa perspectiva costumam focar o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais (POLIVANOV, 2012).

A segunda perspectiva nega alguns pressupostos da primeira:

Já a segunda perspectiva – da internet entendida como artefato cultural, conceito que Hine apropria de Woolgar a vê como um produto da cultura: uma tecnologia que foi produzida por pessoas particulares com objetivos

prioridades situadas contextualmente. Tal ótica favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, pela integração dos âmbitos online e offline. Assim, coloca-se a ênfase nos diversos usos e apropriações que os atores sociais fazem da internet, entendendo-a como um artefato com significados culturais diversos virtuais (POLIVANOV, 2012).

A partir disso, essa pesquisa dialoga mais com a segunda perspectiva. Isso porque de fato, o mundo *online* e *offline* não estão desvinculados um do outro. Eles sofrem interferência mútua. Ao mesmo tempo em que um indivíduo não consegue ser duas pessoas diferentes: uma no mundo virtual e outra no mundo físico. Como será discutido mais para frente: O “eu”, em determinada publicação em uma rede social, não é muito diferente do “eu” da vida real, contudo o foco muda. A ênfase não é no “eu” enquanto essência, e sim no “eu” enquanto personagem que está narrando/vivenciando aquele momento que será publicado (seja por publicação de um texto ou foto) em determinada postagem no Facebook, por exemplo.

Esse método foi escolhido para compreender quais são os mecanismos que o Facebook possibilita para que seus usuários possam compartilhar seus momentos cotidianos no seu perfil das redes sociais. Ao mesmo tempo, vai auxiliar a perceber quais tipos de postagens são mais comuns entre os jovens e consequentemente como eles constroem a visão de si mesmo na rede social.

INTERNET E AS REDES SOCIAIS

1. Características fundamentais de uma rede social

Raquel Recuero (2009) vai conceituar redes sociais como:

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é impossível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009, p. 43).

Assim, um primeiro fator para compreender as mídias sociais é analisar os atores. Como o próprio nome fala, “redes” são formadas por um conjunto de pessoas. São essas pessoas que dão pulsão para o emaranhado de comunicações e interações sociais que ocorre na esfera da internet (RECUERO, 2009, p. 25). Porém essas interações têm suas peculiaridades, principalmente porque esses laços são construídos tendo como mediador um dispositivo conectado à internet. Essa observação é necessária, pois as conexões podem ocorrer de diferentes maneiras. Portanto, um ator, e conseqüentemente seus laços sociais, podem ser representados por um weblog, por um fotolog, por um twitter ou mesmo por um perfil no Orkut (RECUERO, 2009, p. 26).

Além dos atores, outro conceito formador de redes sociais são as “conexões”. Conexões aqui entendida como “laços sociais” formados através da interação desses atores sociais (RECUERO, 2009, p. 30). Esses laços são a base para estudos que focam as redes sociais, principalmente por essa interação dar vida as complexas trajetórias de vida, construção da identidade e da formação de subjetividades desses atores conectados à rede. Essa interatividade entre atores sociais não ocorre de forma neutra. Dentro dessas redes, indivíduos agem e se comportam através da expectativa em relação ao comportamento do outro (RECUERO, 2009, p. 31). Mas, até chegar esse ponto de complexidade, o mundo da Internet passou por uma longa história de desenvolvimento.

2. A origem da Internet e da WEB 1.0

Milton Santos (1990) afirma que nos dias atuais vivemos no que ele denomina como o meio técnico-científico-informacional. Esse meio seria caracterizado pela ocorrência da junção entre técnica e ciência, guiadas pelo funcionamento do mercado, que, graças aos avanços tecnológicos, expande-se e consolida o processo de Globalização (SANTOS, 1990, p. 21). A Internet é um fruto de todo esse ambiente.

Manuel Castells (2016) descreve que a criação da Internet foi um conjunto de acontecimentos bem peculiares: estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural. A Internet originou-se através das pesquisas da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) ligada ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos. A ARPA fez muitos testes até chegar ao protótipo do que seria a rede mundial de computadores como se conhece hoje. Em 1964 criaram um sistema de comunicação invulnerável a ataques nucleares (CASTELLS, 2016, p. 82). Essa criação possibilitou que novos avanços fossem possíveis. Dessa maneira, quando a tecnologia digital possibilitou o compartilhamento de todos os tipos de mensagens, como as de som, imagens e de dados, criou-se uma rede que era possível acessar sem a necessidade de usar centros de controles (CASTELLS, 2016, p. 82).

Ao possibilitar que o acesso à Internet ganhasse uma forma global horizontal de acesso, na medida em que você não precisava mais estar dependente de um centro de controle, a primeira rede de computadores começou a funcionar em primeiro de setembro de 1969 na Universidade da Califórnia. Essa rede estava aberta aos centros de pesquisa para que eles pudessem colaborar com o departamento de defesa. Todavia, logo os cientistas começaram a usar essa rede para comunicação própria, criando uma rede de mensagens entre os próprios pesquisadores (CASTELLS, 2016, p. 83). Após esse fato ficou difícil restringir a Internet só para fins militares. Assim, em 1983 teve a separação entre ARPANET (dedicada a fins científicos) e a MILNET (aplicação militar) (CASTELLS, 2016, p. 83). A ARPANET acabou se transformando em ARPA-INTERNET, depois se passou a chamar apenas Internet, ainda sustentada pelo Departamento de Defesa (CASTELLS, 2016, p. 83). Contudo, a partir dos anos de 1990 as pressões comerciais acabaram forçando a privatização da Internet.

Uma vez privatizada a internet não tinha nenhuma instituição supervisora. Dessa maneira, vários órgãos e mecanismos improvisados foram criados e conseqüentemente assumiram alguma responsabilidade pela coordenação técnica e atribuição de endereços da internet (CASTELLS, 2016, p. 83). Todavia, por falta de certa unificação na rede

mundial de computadores, muitas pessoas pouco iniciadas no mundo da internet tinham grande dificuldade em acessá-la. A capacidade de transmissão era muito lenta e receber e mandar informações eram extremamente complicados (CASTELLS, 2016, p. 83). Essa situação começou a se alterar ainda no início dos anos de 1990. Um grupo de pesquisadores europeus criaram um novo aplicativo: a teia mundial (world wide web - WWW) que organizava os sítios da internet por informação e não por localização, possibilitando aos usuários um sistema fácil na busca de informações na web (CASTELLS, 2016, p. 87).

Os responsáveis por essa inovação se basearam principalmente na cultura dos hackers da década de 1970. Sobretudo na obra “Computer Lib” de Ted Nelson o qual convocava o povo a usar o poder da internet para benefício próprio (CASTELLS, 2016, p. 88). Não tardou muito para que o software WWW fosse distribuído gratuitamente pela Internet. Com o passar do tempo, navegadores começaram a ser construídos especificamente para computadores pessoais. Assim: “Logo surgiram novos navegadores, ou mecanismos de pesquisa, e o mundo inteiro abraçou a Internet, criando uma verdadeira teia mundial” (CASTELLS, 2016, p. 89).

A partir disso, a Web 1.0 surgiu. Ainda com poucos usuários, e esses em sua grande maioria fazendo uso bastante técnico da rede, predominavam os sites de empresas e instituições (VICENTIM, 2013). Essa foi a era do email, dos motores de busca simplistas (VICENTIM, 2013). Os principais serviços dessa época eram o Altavista, Cadê, Hotmail, DMOZ, Yahoo e o Google.

3. História das Redes Sociais e da Web 2.0

As redes sociais inauguram novas formas de se utilizar a Internet e consequentemente o mundo da web. O ano de 1994 marca a quebra de paradigmas e mostra ao mundo os primeiros traços das redes sociais com o lançamento do GeoCities (DAQUINO, 2012). O conceito desse serviço era fornecer recursos para que as pessoas pudessem criar suas próprias páginas na web, sendo categorizadas de acordo com a sua localização. Ele chegou a ter 38 milhões de usuários, foi adquirido pelo Yahoo Cinco anos depois e foi fechado em 2009 (DAQUINO, 2012).

Em 2002, nasceram o Fotolog e o Friendster. Esse primeiro produto consistia em publicações baseadas em fotografias acompanhadas de ideias, sentimentos ou o que

mais viesse à cabeça do internauta (DAQUINO, 2012). Além disso, era possível seguir as publicações de conhecidos e comentá-las. Por sua vez, o Friendster foi o primeiro serviço a receber o status de “rede social”. Suas funções permitiam que as amizades do mundo real fossem transportadas para o espaço virtual (DAQUINO, 2012).

O ano de 2004 pode ser considerado o ano das redes sociais. Isso porque foi nessa época em que as redes sociais mais importantes foram criadas, como exemplo o Orkut e o Facebook (DAQUINO, 2012). E é nesse ano que as redes sociais começam se popularizar no Brasil. No decorrer dos anos, cada vez mais as redes sociais veem fazendo parte do dia a dia dos indivíduos, principalmente das vidas juvenis, possibilitando que usuários criem seus próprios conteúdos. E Muitas vezes virando agentes importantes na formação de personalidade, identidade e nas lutas sociais.

Todas essas novidades acabaram possibilitando uma virada no mundo da web, ou seja, a transição da Web 1.0 para a Web 2.0. A Web 2.0 foi a revolução dos blogs e chats, das mídias sociais colaborativas, das redes sociais e do conteúdo produzido pelos próprios internautas (VICENTIM, 2013). Nesse momento, a Internet se popularizou em todo o mundo, e começou a abranger muito mais do que algumas empresas para se tornar obrigatória para qualquer um que queira ter sucesso no mercado. Por meio do Youtube, Facebook, Flickr, Picasa e Wikipédia, todos passaram a ter voz e essa voz passou a ser escutada e respeitada de certa maneira (VICENTIM, 2013). Ao poder produzir seu próprio conteúdo, os internautas puderam ser vistos e assistidos.

A web 1.0 e a web 2.0 proporcionaram o que Manuel Castells denominou de sociedade em rede. Essa sociedade se caracteriza por uma sociabilidade em uma dimensão extremamente virtual proporcionada pelas novas tecnologias e que transcende o tempo e o espaço (CASTELLS, 2016, p. 554). Porém, é importante ressaltar que ao se olhar para alguns dados, há certa desigualdade de acesso ao mundo digital.

Paula Sibilía (2008) mostra que há certo privilégio geográfico quando se compara o acesso à internet por continente. A América do Norte (43%), Europa (29%) e Ásia (21%) –tendo como foco o Japão- concentram mais de 93% de usuários na rede global de internet. Dessa maneira, 6% do acesso à conectividade se restringe ao sul sistema. No caso do Brasil, mais especificamente, encontra-se também uma desigualdade, por mais que ela tenha diminuído ao longo dos anos.

Uma pesquisa realizada em 2012, denominada “A Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil (TIC- Domicílios)” divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), mostra que, embora o acesso ao mundo digital venha se democratizando no país, a maioria das casas continua desconectada.

De forma geral, os dados apresentam uma melhora significativa. O índice de domicílios com computador cresceu de 35% para 45% entre 2010 e 2011, enquanto as casas com internet passaram de 27% para 38%. No entanto, o crescimento ainda é desigual: brasileiros do Norte e do Nordeste e moradores da zona rural ainda estão na lanterna da inclusão digital. Culpa da falta de infraestrutura e dos altos preços, que tornam a conexão brasileira lenta e cara.

Dessa maneira é perceptível que a desigualdade no acesso à Internet acaba criando os info-excluídos. As duas principais razões pelas quais se dá a info-exclusão são a falta de instrução e conhecimento, que têm a consequência de não permitirem que as pessoas se adaptem aos meios de comunicação, pessoas sem instrução não conseguem dominar a forma de utilização da internet (SILVIA, 2011, p. 11). Outro fator a ter em conta é a pobreza (SILVIA, 2011, p. 11). Essa percepção se relaciona muito com o choque entre as gerações X, Y e Z. A geração X é o grupo de pessoas que mais tem dificuldade em manusear essas novas tecnologias e por isso tendo dificuldade em se (re)integrar ao mercado de trabalho contemporâneo que praticamente obriga o saber tecnológico dos profissionais e até mesmo no seu dia a dia, com os elétricos domésticos, por exemplo.

4. O Facebook

O Facebook (originalmente, thefacebook) foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto este era aluno de Harvard. A ideia era focar em alunos que estavam saindo do secundário (High School, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na universidade. Lançado em 2004, o Facebook é hoje um dos sistemas com maior base de usuários no mundo (RECUERO, 2009, p. 170).

O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais (RECUERO, 2009, p. 170). O sistema,

no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas. Começou apenas disponível para os alunos de Harvard (2004), posteriormente sendo aberto para escolas secundárias (RECUERO, 2009, p. 171).

O Facebook pode ser definido como um website, que interliga páginas de perfil dos seus usuários. Nestas páginas os usuários publicam as mais diversas informações sobre eles próprios, e são também os usuários que ligam os seus perfis aos perfis de outros (CORREIA e MOREIRA, 2014). A experiência do Facebook permite que os usuários se envolvam em três tipos de atividades: publicar informação pessoal relevante numa página individual com o seu perfil, ligar-se a outras pessoas e criar listas de amigos, e interagir com outros usuários (CORREIA e MOREIRA, 2014).

As características fundamentais que promovem a comunicação no Facebook incluem um sistema de “mensagens” que permite diálogos privados e um “mural” que permite uma comunicação de caráter mais público (CORREIA e MOREIRA, 2014). Além destes dois sistemas, existe a página inicial do Facebook que exhibe toda a informação que está especificamente relacionada com o usuário, de forma centralizada e atualizada em tempo real, incluindo um *feed* de notícias, onde as publicações mais recentes dos amigos do usuário são mostradas por ordem cronológica (CORREIA e MOREIRA, 2014).

Os usuários podem publicar fotografias e identificar e nomear outras pessoas que estão presentes nessas fotografias que é uma funcionalidade tão popular, que à data, confere ao Facebook o primeiro lugar no ranking de websites destinados à partilha de fotografias, com 48 milhões de imagens únicas (CORREIA e MOREIRA, 2014). O Facebook oferece aos seus usuários, com um simples clique, formas rápidas e fáceis de interação social: cumprimentar um amigo (denominado “*poke*”), enviar mensagens simples, ou indicar aprovação a um comentário ou imagem através do botão “curtir” (CORREIA e MOREIRA, 2014).

DA INTIMIDADE À VISIBILIDADE SOCIAL

No conto “O Espelho”, do escritor realista Machado de Assis, nos é apresentada a personagem Jacobina. Um homem pobre que após ser nomeado Alferes da Guarda Nacional, consegue reconhecimento e status social. Em uma noite, estava reunido com alguns amigos discutindo sobre a alma humana. Contudo, Jacobina não parecia muito interessado na discussão. Ao perceber esse certo desinteresse, os companheiros pedem para que o protagonista dê uma opinião sobre o assunto. Assim, ele decide contar um episódio da sua vida com o intuito de defender sua tese que existem duas almas: uma exterior e uma interior.

Após sua nomeação como Alferes quando tinha 25 anos, sua vida mudou profundamente. Além de conseguir mais prestígio social, sua família e seus ciclos sociais próximos começaram a valorizá-lo. Um dia, a tia Marcolina chama Jacobina para ir até sua fazenda. Ao chegar lá é presenteado com um grande espelho pertencente à família real portuguesa e logo depois sua tia anuncia que ficaria fora por alguns dias. Os escravos da fazenda aproveitam da ausência de Marcolina e fogem. Assim, Jacobina se vê sozinho na fazenda e a solidão o consumindo aos poucos. Em certo momento, decide se olhar no espelho que ganhara, contudo não conseguia se reconhecer, via sua imagem distorcida e irreconhecível. Ao colocar o uniforme de alferes, conseguia ver sua imagem nítida e perfeita. Assim, conseguindo burlar a solidão. Logo depois de terminar sua história, ele se retira da sala, deixando seus colegas sozinhos.

Jacobina não conseguia se reconhecer mais sem o reconhecimento social que o posto de Alferes lhe dava. A sua alma interna, ou seja, a pessoa Jacobina já não existia mais. Sua alma “externa”, a qual era formada pelo status que o posto conseguido na Guarda Nacional concebia a ele, era sua nova identidade.

Em uma analogia próxima, a Revista estadunidense *Time* elegeu em 2013 “Você” como a personalidade do ano. Na capa da revista, foi colocado um papel espelhado como uma metáfora. Dessa maneira, como pessoas comuns através da Web 2.0 conseguiram se transformarem em importantes formadores de opiniões e como suas ações acabaram alterando as suas relações de uso com as mídias sociais.

Esses dois fatos podem ilustrar como a alma externa (visibilidade), principalmente a partir do século XIX vai ganhando relevância e importância nas sociedades contemporâneas ocidentais em detrimento da alma interna (o que se é). Esse fato foi analisado por vários autores. Georg Simmel(1903)em seu famoso ensaio “A

metrópole e a vida espiritual”, já percebia que o crescimento urbano, principalmente com a revolução industrial, alterou não só as relações sociais, mas também interferiu na psique do homem urbano. O sociólogo alemão afirma que as grandes cidades chamaram os homens a se libertarem da moral, da religião de outras esferas, dando mais liberdade de ação aos indivíduos (SIMMEL, 1973, p. 11). Além da liberdade, as cidades oferecem diversos estímulos nervosos (o trabalho frenético, consumo, propagandas e publicidade), todavia, o indivíduo metropolitano não consegue captar e absorver esses estímulos, por isso mesmo, a psique acaba criando mecanismos para que os homens conseguissem lidar com esse excesso de estímulos (SIMMEL, 1973, p. 12).

O principal mecanismo é a intelectualidade, ou seja, maior grau de racionalização. É na cidade também que o “dinheiro” surge como linguagem principal. As relações sociais resumidas a “quanto” e as pessoas resumidas a números. Toda essa simplificação acaba ocasionado em uma atitude que Simmel chama de “blasé” (SIMMEL, 1973, p. 17). Atitude blasé significa uma indiferença em relação ao outro. A vida urbana joga tanto estímulo que para se defender, as pessoas ativam mecanismos de autopreservação, ou seja, a intelectualidade e a personalidade individual ganham tanta importância que o resto da realidade é objetivado e conseqüentemente há uma atitude de reserva em relação ao próximo e o eu é mais valorizado.

Assim, as cidades são um cenário rico para que as personalidades individuais possam se mostrar. As identidades nas grandes cidades além de ganharem importância na cultura moderna também são uma forma que os indivíduos têm de se diferenciar. Em regiões metropolitanas a identidade individual é dissolvida pela complexidade e densidade dos centros urbanos. Diferente de uma cidade pequena ou sociedade rural mais simples em que todos sabem quem são todos, na metrópole a maior liberdade e independência entre os homens acabam que as pessoas não sabem quem é quem (SIMMEL, 1973, p. 24). Dessa maneira, o indivíduo acaba utilizando da visibilidade, do consumo e do “estilo da vida” para poder se destacar e para ser reconhecido.

Essa visão de Simmel cônica de certa maneira com Louis Wirth, teórico da conhecida escola de Chicago. Na sua obra *Urbanismo como estilo de Vida*(1973) ele afirma como os centros urbanos, são lugares ideais para o reconhecimento visuais, ou seja, o reconhecimento da imagem do que da própria natureza humana entre pessoas:

O mundo urbano tem em alta conta com reconhecimento visual. Vemos o uniforme que denota o papel dos funcionários e esquecemos as

excentricidades pessoais que se acham ocultas por trás do uniforme. Temos a tendência de adquirir e desenvolver uma sensibilidade a um mundo de artefatos e somos progressivamente distanciados, cada vez mais, do mundo da natureza (WIRTH, 1973, p. 102).

Nessa linha de pensamento, focando mais no aspecto econômico, temos o autor francês Guy Debord. Em sua obra “Sociedade do Espetáculo” (2003) produzida em 1967 ele critica, ao seguir uma linha marxista de pensamento, o modo de produção capitalista. Sua obra é uma análise profunda da sociedade que nascia no século XIX que tinha o consumo e a publicidade como marcas interferindo na formação de suas subjetivas. Essa sociedade seria um espetáculo porque as imagens e as aparências começaram a ser a base das relações sociais.

O ter, o consumir começa a moldar a sua identidade e determinar seu lugar na estrutura social. Ao assumir uma visão marxista, Debord conclui que a economia acabou por adentrar todas as esferas da sociedade, concordando com Marx o qual sempre afirmou que o principal sucesso da classe burguesa foi conseguir transformar tudo em mercadoria. Dessa maneira, a produção estaria influenciando como as pessoas se relacionavam na era moderna. Pode-se falar que o autor francês acredita em um fetichismo da subjetividade humana. É como se a alma fosse construída em base da criação de uma força não perceptível, como se sua sustentação viesse da representação e não do real. Em suas palavras: “o espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo (...) (DEBORD, 2003, p. 16)”.

A produção em massa, o avanço tecnológico e nas comunicações proporcionadas pela revolução industrial auxiliou em todo esse processo. Os produtos começaram a circular pelas lojas dos grandes centros urbanos. A publicidade e a propaganda começam a ganhar força, estimulando as pessoas a comprarem. Ao mesmo tempo, a questão da imagem ajuda a se popularizar e acaba se tornando o mediador das relações sociais. O que você veste, o que você “ostenta”, as marcas, ou seja, os símbolos de status que você carrega determina quem você é. Além disso, não só a imagem, mas o querer ser visto e contemplado também começa a ser um valor extremamente valorizado.

Sabe-se que as influências urbanas e econômicas são ligadas às transformações que o conceito de intimidade ganha ao longo do desenvolvimento histórico. Richard Sennett (2014) é um dos autores que narra essa transição do domínio do público para o domínio do privado. A esfera pública já foi o grande palco das grandes cidades europeias. A valorização das ruas como lugares de sociabilidade e a valorização das convenções e a teatralização nos contatos sociais. Em uma perspectiva mais moderna ainda poderíamos chamar essas cidades de “espaços de lugares” (CASTELLS, 2016). A experiência dos indivíduos tem a ver com os espaços que estes percorrem e habitam, a sua cultura, a sua história. São espaços onde o local predomina sobre o global.

Porém algumas transformações históricas, econômicas e sociais alteraram essa lógica. Aos poucos o espaço público, ou seja, a vida pública começa a ser estigmatizada e há um inchaço crescente na vida privada. Esse excesso da importância que a vida privada ganha no despontar oitocentista é o que ele chamou de “regime da autenticidade” (SENNETT, 2014, p.139). Tentar ser quem você é tornou-se uma prioridade. Mas, esse seu “verdadeiro eu” deveria se restringir ao espaço privado. O mundo das “máscaras sociais”, ou seja, da representação perante o outro no mundo público tornou-se mentirosas e pouco atrativas. Ser você mesmo na sua privacidade ganha mais interessante. Isso ocasionou no que o autor chamou de “tirantias da intimidade” (SENNETT, 2014, p. 141). Essa tirania seria uma falta de interesse sobre os assuntos públicos, um destaque para as emoções particulares que afligem cada ser humano e a valorização excessiva da personalidade e dos estados emocionais subjetivos.

Portanto, nessa sociedade moderna há um enorme desejo de legitimar a si mesmo mostrando uma personalidade autêntica. Assim, poderíamos afirmar que de um espaço de lugares, passou-se a um “lugar de fluxos”. A cidade perde importância sendo considerado um acessório, predominando as pessoas e não o espaço. Há um estilo de vida associado a esses espaços que passa pela utilização de certos objetos, roupas, preocupações: o uso do computador portátil em viagens, a prática do jogging, a dieta, a combinação no vestuário de elementos formais e desportivos, etc. (Castells, 2016). Tudo isto são símbolos de uma cultura internacional, sem ligação a qualquer sociedade específica. O global predomina sobre o local.

Todos esses fatores foram se consolidando na história ocidental, principalmente quando a classe burguesa começa a emergir como importante ator social, política e

econômico. Dessa maneira, aquilo que se faz perde importância para aquilo que se é. Inicialmente, “ser quem sou de fato” se restringiu ao privado. Não é por acaso que é nessa época que os quartos privados e os diários íntimos começam a ganhar força. Todavia, como já salientado, o intenso processo de urbanização, o excesso de estímulos visuais, a produção industrial crescente acaba por ocasionar em uma exteriorização do sujeito e conseqüentemente o mundo privado adentrando o mundo público. As pessoas têm a consciência nem que parcial da imagem que querem passar para os outros.

Antony Giddens (1991) constata esse fato mostrado por Sennett. O sociólogo britânico narra que as ações na contemporaneidade têm uma alta taxa de reflexividade. Se até então nas sociedades ditas como “simples” a ação humana e sua identidade era regida pela tradição; na modernidade a identidade humana é extremamente pautada na reflexão. Assim: “livres do peso da tradição, os atores humanos têm a capacidade de ter consciência sobre si mesmo no mundo (GUIDDENS, 1991, p. 15). Portanto conseguem controle da imagem que passa para as pessoas, ou seja, consegue ter a informação sobre como agir em determinadas situações. A autenticidade ou agir demonstrado como autêntico começa a ser uma característica que nasce na modernidade.

Em uma perspectiva ainda mais moderna sobre essa relação entre alma interna e alma externa temos a antropóloga argentina Paula Sibilia (2008) que além de se interessar por todo esse processo na alteração da subjetividade, também coloca as redes sociais como importante fator de análise da realidade. Dessa maneira ela vai mostrar que a narração da vida cotidiana nas redes sociais é fruto de todo esse processo histórico já narrado anteriormente nesse capítulo. As mídias sociais apenas intensificaram e tiveram uma afinidade eletiva com os novos valores que surgiam no século XIX. E é dessa maneira que ela percebe que esses novos valores que emergem seguiram uma lógica de cima para baixo e que ocorreu em um espaço específico. Isso porque essas alterações, como a predominância do mundo industrial e do consumo e conseqüentemente uma intensa urbanização e a posse dos meios eletrônicos com acesso à Internet estiveram nas mãos de algumas classes específicas:

(...) apenas uma porção das classes média e alta da população mundial marca o ritmo dessa “revolução” de você e eu. Um grupo humano distribuído pelos diversos países do nosso planeta globalizado, que, embora não constitua em

absoluto a maioria numérica, exerce uma influência muito vigorosa na fisionomia da cultura global (SIBILIA, 2008, p. 26).

Todavia, essa análise em alguma medida já foi feita por teóricos mais antigos. Max Weber (1982) já percebia isso ao criar o conceito de “grupo de status”. Weber em um diálogo direto com Karl Marx vai afirmar que é a “dominação” não se reduz apenas em relação ao acúmulo de capital, mas também em termos de poder. Poder aqui entendido como possibilidade de diferenciação por parte de um indivíduo ou um grupo de indivíduos. Dessa maneira, um “grupo de status” permanece em certa “situação de status” que seria: “todo componente típico do destino dos homens, determinado por uma estimativa específica, positiva ou negativa, da honraria” (WEBER, 1982, p. 219). Dessa maneira, um grupo ao estar em determinada situação, vai possibilitar certo estilo de vida que pessoas pertencentes aquele mesmo grupo vão seguir.

Pierre Bourdieu (2006) sofisticou a análise weberiana ao mencionar o conceito de capital cultural e capital simbólico. As classes dominantes mais do que deter o monopólio do capital financeiro, elas têm o controle do capital cultural e capital simbólico. Capital cultural aqui entendido como o acúmulo de conhecimento adquirido pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias sociais sejam através do contato com a escola, livros, teatro, música, viagens etc. (BOURDIEU, 2006, p. 247). O capital simbólico pode ser conceituado como o poder de nomear as coisas. Essa capacidade de nomeação dá prestígio ou honra, além de permitir identificar os agentes no espaço social (BOURDIEU, 2006, p.230). Dessa maneira, a classe dominante tendo o poder de ditar gostos, o que é socialmente aceito ou não, acaba impondo seu estilo de vida como exemplo a ser seguido e hierarquizando outros estilos de vida. Essa hierarquização acaba por se legitimada, segundo o autor francês, pelo processo de reprodução que ocorre principalmente no contexto escolar. Portanto, essa era de visibilidade que não só as redes sociais, mas todo um contexto sócio histórico acabou repercutindo nas classes mais altas, e que acabou viralizando para o resto da sociedade.

Portanto, em uma perspectiva mais ampla, pode-se ver que o intenso processo de urbanização e uma maior dissolução da identidade pessoal devido à densidade populacional proporcionou que a visibilidade e os símbolos de status fossem formas que os indivíduos encontraram de se diferenciarem e tentarem encontrar uma autenticidade sobre seu jeito de ser no mundo. A indústria se aproveitou de maneira indireta dessas

novas necessidades humanas para colocar o consumo e o ter como formas das pessoas buscarem essa autenticidade.

Em uma visão mais restrita é notável que a preocupação com as emoções, com o subjetivo e com o que se é passaram a ser mais importantes do que as preocupações com o interesse dos problemas da cidade e conseqüentemente um enfraquecimento dos valores na esfera pública. Inicialmente os valores privados e da personalidade se restringindo ao quarto privado e mais tarde sendo exteriorizados e esses valores privados entrando na esfera pública. As redes sociais apenas potencializando esse valor de “exteriorização da vida cotidiana”. Ao mesmo tempo em que a “visibilidade” e a “espetacularização do eu” serem características iniciadas nas camadas mais altas na sociedade e depois se espalhando para as outras classes como ideal a ser seguido.

JUVENTUDES E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NA REDE SOCIAL FACEBOOK

1. As “Juventudes” como categoria sócio histórica

A juventude como categoria de análise é extremamente recente nas ciências sociais (século XIX) e esse fato se dá por diversos motivos. Um desses motivos, que a história social narra muito bem, é que a juventude que se conhece hoje nem sempre esteve presente nas sociedades. Pelo contrário, como mostra Philippe Aries (2014): “Na idade média, a sociedade via muito mal a criança e pior ainda o jovem. De criancinha pequena, ele logo se transformava em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude” (ARIES, 2014, p. 10).

O historiador francês afirma que a valorização da criança e mais tarde do jovem só vai ocorrer a partir do século XIX. A noção de infância ganha força quando o processo de escolarização entra em relevância. Os pais começam a ter interesse pelos estudos dos filhos e essa maior convivência cria o sentimento de “afeição” dos pais pelos filhos que praticamente não existia na Idade Média (ARIES, 20014, p. 11).

A juventude enquanto “fase da vida” só teria relevância praticamente na passagem do século XIX para o século XX. Inicialmente esse processo se dá pela popularização dos romances alemães que normalmente colocavam jovens com dúvidas sobre a vida e o futuro. Isso acabou estabelecendo no imaginário social a juventude como uma fase de dúvidas e incertezas. Anos mais tarde, já no século XX, as guerras e os diversos movimentos sociais que tinham os jovens como protagonistas nas linhas de frente, disseminou a juventude não apenas como fase de dúvidas, mas também colocou os jovens como sinônimos de mudança e de questionamento do *status quo* (ARIES, 2014, p. 15).

A juventude ao ter sido vendida como sinônimo de “moderno”, “novo”, “cool” e “descolado”, logo ultrapassou o mero conceito de fase de vida e tornou-se um valor acoplado a um estilo muito valorizado nas modernas sociedades capitalistas. Ao mesmo tempo, a velhice começou a ser vista como algo negativo e ruim. Se deseja chegar cedo na juventude e nela permanecer por muito tempo (ARIES, 2014, p.15).

Se na ciência histórica a juventude entrou tardiamente como interesse de estudo, na sociologia não foi diferente. Os jovens só eram analisados em momentos que eles

eram visíveis, em geral, por suas manifestações ou atitudes de conflito e desafio às instituições (ISLAS, 2009, p.19). Depois que passava as ondas de interesse, as preocupações dos cientistas sociais iam para outras temáticas, fazendo os estudos sobre juventudes voltar a padrões ínfimos (ISLAS, 2009, p.19). Isso fica bem nítido quando se analisa a publicação dos clássicos da sociologia sobre essa temática.

Em o *Capital*, por exemplo, Karl Marx faz referências sobre os jovens de maneira bem pontual, se restringindo à narração das condições de trabalho que atravessava a classe operária no início da industrialização (ISLAS, 2009, p.19). Outra temática relacionada a juventude que ele cita é em relação a educação. Todavia, ele defendia que não se separasse a criança (jovem) do adulto. Isso porque “o ensino estaria unido ao trabalho, dando-se uma continuidade em que predomine a socialização por familiaridade” (ISLAS, 2009, p.19).

No caso Max Weber seus escritos sobre juventude são praticamente inexistentes. Sem dúvida, Emile Durkheim foi o que mais escreveu sobre juventude. Seus textos são muito relacionados a juventude e educação o que cõngrua com a importância do processo de escolarização já dito anteriormente (ISLAS, 2009, p.20). Depois dessas primeiras indagações, os próximos estudos mais sistemáticos se darão apenas nos anos de 1920 com dois enfoques específicos: uma explícita, como a que surgiu de início no campo da antropologia. Nesse contexto, destacam-se os estudos da escola norte-americana de antropologia, tendo como principais influentes de temática juvenil Margaret Mead em sua obra “*Coming of Age in Samoa*” (1928) e Ruth Benedict com enfoque nos aspectos culturais da juventude e das expectativas dos papéis dos indivíduos (ISLAS, 2009, p.21). O outro enfoque tocou em temáticas juvenis mais amplas e acessou implicitamente os assuntos juvenis como parte de alguns interesses gerais, como seriam os estudos da Escola de Chicago, da corrente geracional, funcionalista, corrente classista entre outros (ISLAS, 2009, p.21).

Após toda essa cronologia sobre a sociologia/antropologia da juventude é possível descrever o que seria juventude? É uma tarefa extremamente difícil e desafiadora, pois ele é extremamente complexa e varia de realidade para realidade social. Morch (1996) cita que:

Precisa-se levar em consideração que a conceitualização de juventude passa necessariamente por seu enquadramento histórico, na medida em que esta

categoria é uma construção histórica, respondendo, portanto, a condições sociais específicas produzidas pelas mudanças sociais que possibilitaram a emergência do capitalismo. Nesse novo quadro, surgiu o denominado espaço simbólico que tornou possível o aparecimento da noção de juventude (MORCH, 1996).

A partir disso, conceituar juventude é difícil, pois a noção de ser jovem no Brasil não é a mesma noção em El Salvador ou Inglaterra. Aliás, dentro de um mesmo país ser jovem é extremamente mutável. Um jovem de classe alta e outro da periferia têm visões diferentes sobre o que é juventude. Dessa maneira, é consenso entre os principais pesquisadores sobre a temática da juventude (PAIS, 2006; VELHO, 2006) sempre trabalhar com essa categoria no plural, ou seja, trocar “juventude” por “juventudes”. Isso porque essa alteração expressa que ao lidar com jovens, não está se trabalhando com uma categoria simples e homogênea (VELHO, 2006, p.192).

Todavia, para facilitar os estudos na área pode-se sistematizar esse conceito. Helena Abramo (1994) disserta que a noção de juventude:

A noção mais geral e usual do termo juventude se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição de tempo, de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modifica de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude se configura como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social (ABRAMO, 1994, p.1).

Portanto, a juventude é uma condição social com qualidades específicas que se manifestam de maneiras diferentes através de tempos históricos e sociais específicos. Além disso, a categoria juventude também pode ser articulada em função de dois conceitos: o de juvenil e o de cotidiano (LEÓN, 2009, p. 53). O juvenil remetendo ao processo psicossocial da construção da identidade e o cotidiano ao contexto das relações e práticas sociais, fatores ecológicos, culturais e socioeconômicos (LEÓN, 2009, p. 54). Essa visão é importante para não superestimar apenas o sujeito ou apenas a estrutura ao se fazer análises sobre juventude e é nessa base que esse trabalho irá se basear.

Portanto, a construção de identidade se configura como um dos elementos característicos mais centrais do período juvenil. Esse processo se associa a condicionantes individuais, familiares, sociais e culturais. A identidade refere-se ao ambiente (LEÓN, 2009, p. 56). Os conteúdos que dão origem à identidade geracional implicam modos de vida, práticas sociais juvenis e comportamentos coletivos (LEÓN, 2009, p. 56).

Dessa maneira, se a busca da identidade é algo em comum buscado pelos jovens e essa identidade também vem do ambiente, a tecnologia é um fato que pode influenciar na construção da subjetividade desses jovens. Não apenas a tecnologia interferindo na construção deles enquanto sujeitos, mas eles mesmos se autoconstruindo no mundo da internet. Afinal, como se dá a construção dessa identidade dentro das redes sociais de relacionamento, como o Facebook?

1. Identidade Juvenil no Facebook

A modernidade trouxe transformações profundas nas relações sociais e conseqüentemente na temática da identidade. Antony Giddens (2002) cita que:

(...) a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e, portanto com o eu (GIDDENS, 2002, p. 9).

Isso ocorre devido à fragmentação da identidade coletiva que ocorre no período moderno. Enquanto na era medieval e no antigo regime (pré-revolução francesa) vivia-se em um mundo regido pela tradição e que sua identidade era relativamente fixa (BAUMAN, 2005, p. 51). Nessa época, por exemplo, ao nascerem, os indivíduos já tinham noção de como seria sua vida até o final. A chegada da modernidade rompe com essa “segurança identitária”. A globalização intensifica esse processo ao dinamizar o espaço e o tempo, deslocando os indivíduos completamente. A religião, a classe de nascimento, gênero, Estado e as diversas instituições e categorias sociais perdem força na construção de si enquanto sujeito. Assim, como afirma Bauman (2005) livres dessa tradição e dessa “segurança identitária”, buscar quem sou eu e a qual lugar eu pertencem virou um dos principais dilemas da modernidade (BAUMAN, 2005, p. 15).

Dessa maneira, como afirma Manuel Castells (2016):

A identidade torna-se a principal e, às vezes, a única fonte de significado em um período histórico que é a modernidade, caracterizada pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras (CASTELSS, 2016, p.63).

Essa busca atinge todas as idades e os jovens não seriam exceção.

Portanto, sabe-se que os jovens de hoje não tem um traçado mais linear na sua formação enquanto sujeitos. Machados Pais (2006) utiliza uma metáfora interessante para mostrar as novas trajetórias subjetivas que a contemporaneidade traz para os jovens:

Na Europa, nas décadas imediatas ao pós-guerra, as transições para a vida adulta assemelhavam-se a viagens de estrada de ferro nas quais os jovens, dependendo da sua classe social, gênero e qualificações profissionais, tomavam diferentes comboios com destinos determinados. Posteriormente, as transições dos jovens eram mais bem comparadas a viagem de automóveis. O condutor do automóvel tem mais liberdade para escolher seu destino (...) (PAIS, 2006, p. 8).

Dessa maneira, para compreender esse jovem que está embebido dentro dessa Web 2.0, é preciso ressaltar que por essa trajetória juvenil ser mais fluida do que das outras gerações, há a oportunidade, principalmente para o jovem urbano, a possibilidade de multipertencimentos. Dessa maneira o jovem tendo a oportunidade de participar de diversos grupos de referência e podendo assumir diferentes papéis sociais e identitários.

Além da fragmentação identitária, que não atinge apenas os jovens, a modernidade trouxe também o avanço tecnológico. Essa acessão da tecnologia fez emergir novas subjetividades e novos tipos de corpos, uma vez que a relação dos indivíduos e da própria sociedade, com o processo de inovação técnica, sofreu alterações consideráveis (ROURE, 2009, p.154). Com as redes interativas de computadores, vive-se uma alteração na própria vivência do espaço e do tempo como parâmetros da experiência social. É por isso mesmo que a alteração dos eixos espacial e temporal implica necessariamente novos modos de combinar as coordenadas espaço-tempo, diferenciadas formas de representação e novos modos de ser (ROURE, 2009, p. 154).

Se esse multipertencimento ocorre na esfera do mundo *offline*, na área *online* não seria diferente. Aliás, o mundo digital oferece muito mais escolhas nessa constante busca da identidade. Isso porque em uma era em constante aceleração, as identidades no mundo real não conseguem incluir os novos conteúdos que as pessoas querem agregar, ou todas as identidades que gostariam de ter (MAGALHÃES e PAIVA, 2009). Portanto, combinados com o desenvolvimento de uma nova forma de relação, os recursos da mídia digital tornaram-se um fator decisivamente estimulante dessas novas condições sociais: sentir-se pertencido e achar quem você é nesse mundo globalizado (MAGALHÃES e PAIVA, 2009).

Um dos fatos sociais mais representativos da ligação estreita entre os ambientes *online* e *offline* é o uso generalizado das redes sociais, tendo com ênfase o Facebook. Nas redes sociais, o ambiente online é onde as pessoas criam perfis descritivos, a partir dos quais estabelecem ligações com outras pessoas, estabelecendo uma rede de ligações pessoais (FERREIRA, 2014, p.77). E é a partir desses perfis que o sujeito começa a se construir enquanto usuário da rede.

Os participantes nas redes sociais são habitualmente identificados pelos seus verdadeiros nomes e com frequência incluem fotografias de si próprios. Como resultado, o seu perfil, a sua rede de ligações a interação que produzem nessa rede constituem-se como um quadro importante para a apresentação do “eu” online (FERREIRA, 2014, p.77). Se para Goffman (2004) o conceito de “fachada” é todo o aparelho expressivo fixo utilizado pelo indivíduo durante sua representação (GOFFMAN, 2004, p.29), no mundo das redes sociais vai ser um pouco diferente. Não existe um espaço físico e sim virtual. Dessa maneira, a “fachada virtual”, ou seja, todo o aparato representativo cênico será o perfil do jovem, ou seja, suas fotos, sua descrição do perfil, suas publicações, gostos, curtidas etc.

É a partir desse “perfil” que o indivíduo começa a interagir. É nesse espaço que ele publica fotos que mais gostam, tem acesso à opinião das pessoas sobre seu visual na rede, “curtem” páginas com conteúdos que os interessam. Além de ser o lugar em que eles interagem com seus laços virtuais, ao visitar outros perfis, consegue encontrar pessoas com pensamentos e gostos semelhantes. Dessa maneira, ao encontrar um espaço em que ele pode montar sua identidade, ter acesso a informações que o interessam e achar pessoas com gosto em comum, nesse mundo tão conturbado e fragmentado, o

jovem encontra certo sentimento de pertencimento. Ele percebe que não está sozinho no mundo.

Porém, para que ele consiga que esse sentimento de pertencimento e a autoafirmação da sua identidade sejam constantes é necessário que o usuário atualize seu perfil no Facebook de maneira sistemática. O ciberespaço trabalha com o presente e o momentâneo. Circulam-se diversas informações pelo ambiente da internet, não é por acaso que algo publicado na internet, logo é esquecido com o surgimento de outro e mais outro. Portanto:

Os novos gêneros confessionais da internet se apresentam como tentativas bem atuais de recuperar o tempo perdido na vertiginosa era do tempo real, da falta de tempo generalizada e do presente constantemente presentificado (SIBILIA, 2008, p. 116).

Essa “presentificação” acaba por contribuir no que se denomina “imperativo da visibilidade”. As autoras (SIBILIA, 2008; RECUERO, 2009) vão reafirmar que esse imperativo, decorrente da intersecção entre o público e o privado, para ser uma consequência direta do fenômeno globalizante, que exacerba o individualismo. É preciso ser “visto” para existir no ciberespaço. É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se do ciberespaço e constituindo um “eu” ali. Se você não atualiza seu perfil da rede social, você não consegue ser reconhecido ou se sentir pertencido naquele espaço.

Portanto, a identidade no Facebook se forma a partir de dois eixos. A primeira é que o Facebook através dos grupos de discussões e das “páginas” há o interesse na criação de laços que surgem de um interesse comum em alguma temática ou prática (desde comunidades de fans a comunidades que partilham desafios comuns). O segundo elemento é focado na visibilidade social e centrado no indivíduo. Ser visto pelos outros e conseguir expectativas positivas dos seus laços virtuais acaba estabelecendo uma rede “egocêntrica” centrado no indivíduo. Ele acaba moldando sua personalidade nas redes sociais de maneira que ele consiga agradar as pessoas próximas.

Contudo, é importante frisar que sua identidade virtual não é uma farsa. Erving Goffman (2004) muito antes das redes sociais, já mostrava que nós agimos no ambiente social com relação a expectativas que esperamos do outro. Os atores querem gerar uma impressão verdadeira de quem são eles para os outros. É nesse aspecto que o convencimento, incluindo a linguagem e as utilizações de artifícios entram como

componentes cênicos dessa interação face a face. Isso porque o agente sempre busca ter certo controle sobre as opiniões dos outros sobre ele mesmo. E nas redes sociais não é diferente. O indivíduo molda seu comportamento e sua fachada para convencer suas conexões na rede que as informações postas no seu perfil são verdadeiras. Resumindo: “No essencial, a nossa capacidade para construir uma identidade online, seja autêntica, parcial ou manipuladora, pode ser potenciada pelos recursos comunicativos que as plataformas disponibilizam, e pelas competências individuais para operá-las” (FERREIRA, 2014, p. 79). As interações sociais, tanto físicas quanto virtuais pedem essa dramatização dos sujeitos que estão no processo de interação, seja esse processo face a face ou mediado por aparelhos eletrônicos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Resultados

1.1. Etnografia Virtual

A etnografia virtual foi realizada entre os dias 31 de outubro a 6 de novembro de 2016 e foram observadas as publicações de jovens da Universidade de Brasília, entre 18 a 25 anos, realizadas durante todo mês de outubro. A emersão foi na rede social Facebook e teve o intuito de analisar quais são as publicações mais constantes dos jovens na rede social. Essa técnica foi realizada através do meu próprio perfil do Facebook, ou seja, analisei os perfis que estão conectados a minha conta na rede social. Foram observados dez perfis, cinco mulheres e cinco homens.

Ao analisar um mês de publicação foi possível ver certa semelhança e constância nas publicações entre os dez jovens escolhidos. Tanto homens quanto mulheres postam constantemente fotos. Essas fotos além de serem tiradas predominantemente no turno noturno em detrimento do diurno podem ser divididas em algumas categorias: Fotos “com os amigos”, tipo de publicação mais comum, ocorre principalmente quando o dono do perfil está em algum lugar movimentado (festa, restaurante, festivais, parques etc). Além disso, essas fotos com os amigos costumam ser tiradas no período da noite. Normalmente as pessoas na foto estão bem próximas em forma de fileira e sempre sorrindo. Há também o costume de tirarem fotos com copos de bebidas alcoólicas em mãos.

O outro tipo de foto encontrado é a tipo “selfie”. Essas fotos costumam, normalmente, ter apenas o rosto ou corpo o dono ou da dona perfil, todavia, às vezes há fotos selfies entre duas pessoas ou grupo de amigos. Nesse tipo de fotografia há sempre uma superprodução do sujeito. Entre as meninas é possível observar a utilização de maquiagem, produção no cabelo (alisamento de cabelo, chapinha, baby liss etc) e roupas mais elaboradas. Além disso, se vê que essas fotos têm algum teor de sexualidade, na medida em que as meninas costumam fazer expressões consideradas “sexys”, como fazer “biquinho”. Quando a foto Selfie pega todo o corpo, as meninas tentam realçar algumas partes como a barriga, glúteo e o busto.

Entre os meninos há certa semelhança, mas também diferenças. Quando eles focam no rosto, é sempre uma expressão de conotação sexy que realce a masculinidade. Já quando a parte principal é o corpo, os meninos tendem a destacar os músculos do braço e barriga ou a prática de algum esporte que mostre saúde. Todavia, ao mesmo tempo há também selfies constantes de meninos com copos de cerveja em mãos com uma expressão de satisfação. Entre as mulheres fotos tendo bebida de teor alcoólico costuma ser menor. Muitas vezes, mais para as mulheres do que para os homens, essas fotos costumam ter uma legenda com frases motivacionais (A vida é uma estrada sem fim), poemas (O amor é fogo que arde sem se ver), frases de pensadores (penso, logo, existo) e letras de música.

Mais categorias presentes são: fotos dos animais de estimação, fotos com a família, entre as mulheres que são mães há uma constante publicação de fotos de seus filhos e filhas principalmente em momentos mais marcantes (nascimento, primeira palavra, formatura etc). Há também presença constante de fotos de casais com legendas românticas. Esses casais sempre se beijando ou se olhando nas fotos, além de ser comum o homem abraçar a mulher por trás e ambos sorrindo nessas fotografias.

Não é só de fotos que o Facebook vive. Há também as publicações em forma de texto. Costumam ter um teor positivo. É muito usado para anunciar algo bom que aconteceu na vida do usuário (pedido de casamento, aprovação em concurso público, a aquisição de algum objeto etc). Todavia, essas postagens também têm um teor de reclamação ou mesmo de prevenção (reclamar de algo ruim que aconteceu na vida do usuário, avisar sobre regiões em que está ocorrendo muito assalto, reclamar de mau atendimento em algum estabelecimento etc). Outra função desse tipo de postagem é para anunciar alguma marca da sua própria empresa ou a do amigo do usuário.

É presente também a publicação de vídeos. Esses vídeos costumam ser de músicas do gênero que agrada ao usuário. Além disso, há também vídeos do gênero documentário sobre diferentes temas: religião, política, gênero, vídeo games, tecnologia etc. A maioria desses vídeos são pegos no website Youtube e depois postados no Facebook. Há a presença também de vídeos caseiros, feitos pelos próprios usuários, principalmente pelo aparelho celular, que costumam mostrar partes do seu dia a dia, normalmente partes em que o dono do perfil está em algum momento de descontração.

Entre esses tipos de postagens é muito comum os amigos, do usuário, indicarem outras músicas ou filmes relacionados nos comentários da publicação.

A publicação de reportagens e notícias de diferentes temas também tem uma frequência constante. Todavia, nessa observação foi encontrado um maior número de postagens sobre política. Isso pode se dar pelo atual momento político turbulento que o Brasil vive. Matérias tanto contra e a favor aos principais temas discutidos: Impeachment, PEC 55, Reforma do ensino médio etc. Aqui também há uma interatividade maior, principalmente pessoas deliberando sobre o tema da reportagem com o autor da postagem.

1.2. Entrevistas semiestruturadas

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas nos dias um e dois de novembro de 2016 na Universidade de Brasília. A amostra também de natureza teórica resultou em 20 entrevistas, 10 mulheres e 10 homens. Os entrevistados têm entre 18 e 25 anos e todos têm uma conta no Facebook. Além disso, todos são alunos da Universidade de Brasília, são de diferentes localidades do Distrito Federal e cursam diferentes cursos dentro da Universidade. Todas as entrevistas estarão disponíveis no final desse trabalho, em anexo.

A primeira pergunta questionada foi sobre quais dados pessoais os entrevistados costumam disponibilizar no seu perfil do seu Facebook. Os 20 entrevistados, disponibilizam as mesmas informações. Os vinte entrevistados disponibilizam o local de estudo, no caso seria a Universidade de Brasília. Em alguns casos eles e elas também disponibilizavam os seus cursos de graduação. Em segundo lugar, há a disponibilização da data de nascimentos. Essa data as vezes completa (dia, mês e ano) e as vezes incompleta, só dia e mês, por exemplo. Em terceiro lugar os entrevistados compartilham a cidade onde moram. Os outros dados, com menos frequência, que apareceram nas entrevistas foram: Local de trabalho, status de relacionamento (solteiro (a), casado (a) etc), número de telefone e email.

Na segunda pergunta, os entrevistados foram indagados a responder qual ou quais são os tipos de postagens mais comum no seu perfil e conseqüentemente na sua timeline. A maioria das respostas se concentraram em três categorias: Fotos do tipo Selfie, fotos com os amigos e vídeos de músicas. Outras respostas foram fotos com o

namorado, foto com os animais de estimação e alguns comentaram fotos no “geral”, normalmente na hora o entrevistado não quis especificar quais tipos de fotos costuma publicar. Outras publicações recorrentes, segundo os entrevistados, estão notícias (política, cultura pop ou qualquer outra notícia que interesse ao entrevistado). Outra categoria encontrada foi a publicação de “memes” (fotos, links de notícias ou qualquer publicação na internet que contenha humor e que se espalha rapidamente pelo ciberespaço). Uma das entrevistadas narrou que publica “como se sente” (mecanismo que o Facebook disponibiliza para o usuário poder mostrar como se sente em determinado momento ou o que está fazendo naquele instante). E uma outra entrevistada especificou o que costuma publicar: “publico o que estou fazendo naquele momento, como estou me sentindo na vida e fotos e locais que significam algo para mim”.

A terceira pergunta foi: Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneiro que você foi, uma foto de um lugar badalado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social? Nessa questão houve três eixos de respostas, por mais que esses eixos se encontrem em uma mesma resposta. O primeiro eixo de respostas mostrou que uma das motivações de compartilhar parte do cotidiano no Facebook é a vontade que o entrevistado tem de mostrar o que está fazendo e como está se sentindo para as demais pessoas ou conexões que estão conectadas ao seu perfil no Facebook.

A entrevistada do curso letras-português disse que: “Gosto de compartilhar meus momentos com meus amigos do Facebook. Quero que minha família veja o que eu estou fazendo. Posto algumas fotos para mostrar que estou linda também”. A entrevistada do curso de agronomia também respondeu na mesma linha: “Eu gosto de mostrar para as pessoas onde eu fui e os lugares que eu frequento. Passar raiva nas “inimigas”. Entre os respondentes homens, também existiu respostas semelhantes. O aluno de letras respondeu que: “Basicamente posto foto quando acho que estou bonito.” E o mesmo respondente assumiu que essas motivações teriam “um pouquinho de narcisismo”. O aluno de agronomia citou que “Não tenho dinheiro para fazer muita coisa. Uma hora quando tenho dinheiro é hora de curtir e de compartilhar com os amigos do face”.

Um segundo eixo de respostas mostra que outra motivação dos jovens em postar parte do seu cotidiano no Facebook é a vontade de registrar e guardar determinados momentos que o marcou e compartilhar esse momento com suas conexões. A aluna de ciências sociais comentou que: “Uma maneira de registrar um momento e de fazer homenagens aos amigos”. A aluna de turismo respondeu também na mesma linha que: “O motivo principal é compartilhar minhas vivências com meus amigos”. Um aluno de agronomia respondeu que “Tirar foto para recordação e lembrar dos amigos”.

O último eixo de resposta mostra que uma terceira motivação seria compartilhar acontecimentos para encontrar outras pessoas, principalmente da sua conexão que curtem ou frequentam os mesmos temas e lugares. A aluna de letras respondeu que “A interação que isso causa. Colocar aí como forma de aguardar as lembranças. Gosto de colocar lugares que vou para as pessoas acharem legal e assim que elas tenham vontade de conhecer”. O Aluno de arquitetura comentou também que “Um gosto de nostalgia, relembrar o momento. Saber quem interage comigo, quem curte as mesmas coisas que eu curto”. O aluno de audiovisual respondeu que “O que me leva a compartilhar é que minha postagem pode ter identificação com as outras pessoas. Ao postar algo perceber quais outras pessoas também curtem aquilo”.

A quarta pergunta da entrevista foi: *Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos? A maioria dos entrevistados sentiam-se bem ao publicar algo no seu perfil das redes sociais. Ao serem indagados sobre o porquê desse sentimento bom, parte das respostas mostraram que os entrevistados se sentem bem porque compartilham momentos de felicidade individuais com suas conexões. É como se ficassem bem ao mostrar que estão felizes ou em momentos bons da vida para outras pessoas. E esse sentimento ficava melhor ainda quando seus “amigos” no Facebook compartilhavam ou interagiam com determinada postagem no Facebook.*

A aluna de turismo de 20 anos respondeu que: “É legal divulgar partes do seu cotidiano. Sendo bem honesta, é uma forma de chamar a atenção”. A aluna do curso letras-português respondeu na mesma linha: “Me sinto bem. Quero mostrar às pessoas que eu estou feliz”. A aluna de agronomia também teve uma resposta semelhante: “Eu me sinto bem. Estou em um momento bom e gosto de compartilhar. É fato que ninguém

posta uma foto feia". Outra aluna de letras disse que: "Gosto de mostrar um lugar que eu fui. Posto tudo mesmo". O aluno de engenharia da computação, também citou essa questão sobre sentir bem: "Me sinto bem porque compartilho coisas da minha vida com a minha família. Para eles saberem que eu estou bem. E é legal também ver a reação das pessoas sobre o que você tá fazendo".

Junto a essas respostas, há também respostas que mostram que o jovem se sente bem ao publicar algo porque ele consegue ver quais pessoas que vão aos mesmos lugares, que curtem as mesmas coisas que o dono do perfil gosta. É uma forma de achar pessoas que gostem de coisas semelhantes a ele e é uma forma de interação e sociabilidade com seus amigos e amigas na rede social. O aluno de engenharia da computação, por mais que goste de ter suas publicações notadas, ele se sente bem também porque pode compartilhar momentos com sua família. A aluna de turismo de 21 anos respondeu que: "Me sinto bem quando um post ajuda as pessoas. Fazer amizade com pessoas que têm interesse parecido". O aluno de agronomia de 21 anos cita que: "Gosto de zoar os meus amigos. Curtir da cara deles". O aluno de história comentou também: "Me sinto bem porque os momentos que compartilho sei que podem atingir as pessoas de forma positiva de alguma maneira".

A entrevistada de 21 anos do curso de ciências sociais teve uma resposta bem diferente das demais. Ela disse que: "Não me sinto muito bem. Falta da privacidade e não sabe as intenções das pessoas em relações as publicações. Não compartilha coisas muito íntimas". Outro entrevistado disse que não postava muitas coisas e por isso não conseguia responder a pergunta.

A quinta pergunta foi a seguinte: Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi esse mal estar? Essa pergunta teve o intuito de notar se ao postar algo na sua rede social e não ter resposta das suas conexões sobre aquela postagem se afetaria o entrevistado de alguma forma. A aluna de agronomia de 19 anos relatou ficar triste quando determinada publicação do seu facebook não consegue audiência, em suas próprias palavras: "Eu excluí tudo que não tem audiência. Me senti mal de as pessoas não notarem uma foto que postei e coisas do tipo". A aluna de letras respondeu praticamente a mesma coisa: "Hoje em dia não muito. Mas, antigamente isso me incomodava mais. É ruim não ser notada". O aluno de arquitetura de 20 anos sente a

mesma insatisfação: “Sim. Quando não tenho muitas curtidas sinto que minhas publicações não atingiram as pessoas. Elas não veem minhas coisas”.

Outras pessoas já responderam coisas diferentes. A aluna de ciências sociais que teve respostas muito diferentes dos demais continuou com as respostas diferentes: “Não sinto mal estar. Acho ridículo”. A aluna de letras- português também teve uma resposta diferente: “Mal estar não. Mas fico triste quando cometam algo negativo ou ofensivo”. O aluno de geologia disse que: “Não. Não muito”. Porém, foram minorias.

As duas últimas perguntas se relacionam. Foi perguntando aos entrevistados se eles estavam seguros de publicar informações pessoais e partes do seu cotidiano. Se respondessem negativamente, era perguntado por que mesmo com o sentimento de insegurança eles continuavam a publicar na rede social. Nessas questões as respostas ficaram bem divididas. Alguns se sentem seguros e outros não. Todavia, as justificativas para essas respostas foram semelhantes. Os que se sentem seguros, dizem acreditar que conseguem controlar os mecanismos que o Facebook oferece para proteger as informações pessoais e postagens. Os que não se sentem seguros, dizem que continuam a postar porque também acham que conseguem controlar as informações que postam, na medida em que acreditam que disponibilizam dados que não colocariam suas vidas em risco.

2. Discussões

2.1. Etnografia Virtual

Ao analisar os dados da etnografia virtual pode-se inferir que existe uma preferência entre os jovens analisados de compartilhar momentos que ocorrem no turno noturno em detrimento do período diurno. Isso pode ser um indício de que os jovens gostam de compartilhar momentos de diversão, e informalidade do que situações que tenham teor de responsabilidade ou seriedade. Isso porque o dia, normalmente, está ligado à rotina, ao trabalho, cansaço etc. Já a noite é normalmente relacionada a diversão, ao movimento de extravasar do trabalho e das responsabilidades. Ao mesmo tempo em que existe a presença de bebidas alcoólicas que pode ser um elemento cênico que amplie a diversão e a sociabilidade. Além disso, as fotos noturnas há a predominância do indivíduo com os amigos.

Isso pode ser um indício de que o grupo de amigos ganha grande importância entre os jovens. Nessa fase, os jovens não se contentam mais apenas com a rede da família, eles também buscam fora outras referências para se formar como sujeito. Por meio deles, o jovem exercita papéis sociais, se identifica com comportamentos e valores e busca segurança para lutar contra a angústia da solidão (MARTINS, 2010.).

A presença forte de fotos do tipo Selfie também pode indicar que além dos grupos de amigos, o corpo é extremamente valorizado pela juventude. O corpo é muito mais do que apenas um aparato biológico. David Le Breton (2007) afirma que o corpo é um vetor semântico, ou seja, o corpo pulsa cultura e transmite informações. Dessa maneira, esse corpo exteriorizado pelas fotos postadas no Facebook pode dar alguns indícios e caminhos de análise sobre a corporeidade juvenil.

Francisco Ortega (2006) disserta que nas sociedades contemporâneas o corpo bem cuidado e saudável acaba sendo a base para a construção e a descrição de si. Além disso, ele argumenta que o desarraigamento social e ausência de vínculos simbólicos e rituais coletivos levam o indivíduo a se retrair e a fazer de seu corpo um universo em miniatura, uma verdade sobre si e um sentimento de realidade que sociedade não consegue mais lhe fornecer. Assim, as sociedades modernas enfatizam os processos de cuidados corporais, médicos, higiênicos, estéticos na construção das identidades pessoais.

Toda essa discussão é bem visível na etnografia realizada. Tanto homens quanto mulheres postam fotos quando se sentem bem e bonitos nas fotos. Esse “estar bem” e esse sentimento de “estar bonito” normalmente são corpos magros (para as mulheres) e musculosos (para homens). Além disso, há o interesse das mulheres em destacar os seios e o glúteo, querendo aparentar um tamanho maior do que o real. É como se o corpo magro e malhado, o *healfbody* fosse o padrão considerado bonito e que esse padrão que os jovens querem almejar e exibir nas redes sociais. Aqui é possível fazer uma análise em relação ao gênero. Mulheres ligam o corpo mais a sexualidade. Isso pode ser um efeito da cultura machista em que o corpo feminino sempre é erotizado e hipersexualizado, podendo essas jovens estarem reproduzindo essa cultura sem perceber. Em relação aos homens, a própria cultura machista impõe um padrão de masculinidade, de “macho alfa” o homem como sendo forte e bruto. Assim, esses

jovens do sexo masculino podem estar reproduzindo também essa cultura sem se dar conta disso.

Le Breton (2007) cita a socióloga M. Pagès – Delon a qual vai defender que as aparências corporais viram uma espécie de “capital” para os atores sociais. “Capital-aparência” cujas fontes devem ser gerenciadas da melhor maneira possível para que o melhor rendimento possa ser alcançado (LE BRETON, 2007, p. 78). O bom “lucro” desse capital aparência é postar apenas fotos que se adequem ao padrão e excluir ou evitar que outros vejam as fotos que fogem desse padrão imposto pela sociedade contemporânea. O corpo ganha importância na apresentação do jovem no dia a dia e nas redes sociais. Porém, é como se a imagem não passasse informação suficiente para o seu público, podendo este não interpretar a foto ou o momento de forma correta. Dessa maneira, as fotos normalmente veem com alguma legenda que consiga contextualizar as conexões da rede social sobre aquele momento registrado.

Os demais dados relacionados os outros tipos de fotografia (fotos de casais, fotos com filhos, animais de estimação e etc), não serão discutidos nessa sessão porque não houve amostra muito representativa dessas postagens. Provavelmente essas fotos sejam alguns entre outros limitadores dessa pesquisa, todavia, esses limitadores serão discutidos com mais profundidade nas considerações finais.

Como já dito anteriormente, não é apenas de fotografias que vive o Facebook. As postagens em forma de vídeo ou texto também fomentam discussões interessantes. O advento da Internet trouxe a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores (RECUERO, 2009, p. 24).

A interação seria a matéria prima das relações e dos laços sociais. Parsons e Shill, segundo Recuero (2009), explicam que a interação compreende sempre o *alter* e o *ego* como elementos fundamentais, onde um constitui-se em elemento de orientação para o outro.

Dessa maneira, ao postarem uma música ou uma matéria sobre algum tema que gostam na rede social e postagens com teor de elogio e reclamação é bem provável que muito além de mostrar seu dia a dia, é uma forma de encontrar pessoas que tenham gostos ou opiniões semelhantes para pode se sentir parte de uma relação, para sentir que

não é único com aqueles gostos. Não é por acaso que são nesses tipos de postagens em que há maior interação entre o dono do perfil da rede social e suas conexões. O Facebook possibilita maior alcance de pessoas, dessa maneira, ao postar algo que realmente goste diferente do mundo real, há maior possibilidade de encontrar pessoas com gostos e identidades semelhantes a eles. Com isso, podendo encontrar certo pertencimento, conforto e criar laços sociais no mundo solúvel que são as redes sociais. É uma forma importante de sociabilidade digital. Além disso, as postagens com teor de elogio ou reclamação também podem mostrar um uso do Facebook como forma de “utilidade pública”, já que os usuários avisam suas conexões sobre lugares e produtos que o agradaram ou não agradaram.

Bauman (2003) já citava que a insegurança é um sentimento comum às sociedades modernas isso porque o mundo moderno é desregulamentado, flexível, plural, competitivo e repleto de incertezas, onde cada um está deixado por conta própria. Assim, a comunidade e a busca de pertencimento é encarar as patologias da sociedade e se sentir seguro contra os infortunos individuais.

As reportagens, normalmente os principais meios de comunicação têm uma conta no Facebook e compartilham diversos tipos de notícias. Porém, os meios de comunicação mais independentes também têm uma página, a qual compartilham algumas notícias também. Esses dois meios são os principais mecanismos que os jovens utilizam para postarem notícias na sua rede social.

Eles fazem essa postagem através da ação de compartilhar (se alguma reportagem interessa ao usuário, ele clica no botão “compartilhar” e a reportagem que estava em alguma página de notícia também aparece no perfil de quem compartilhou). Essas reportagens são de teor muito diversificado. Porém, como já dito na etnografia virtual, pelo momento político no país extremamente conturbado, foi encontrado muitas notícias sobre política. Nessas postagens, costumam ter uma interação mais violenta. Pessoas discutindo e argumento muitas vezes de maneira enfática e agressiva. A partir dessa perspectiva, pode-se especular que ao contrário dos vídeos de música ou postagens sobre cinema, televisão ou elementos considerados “mais leves”, postagens sobre política são o tipo de publicação com maior probabilidade de encontrar resistência dos seus laços sociais, dependendo da posição política do dono do perfil e das suas conexões.

2.2. Entrevistas Semiestruturadas

As entrevistas coincidem em parte com os dados obtidos na etnografia virtual, como a preferência por postar fotos, vídeos e notícias, e agregando novos dados. Entre essas novas informações estão os tipos mais comuns de dados pessoais que os jovens disponibilizam nas redes sociais. Outra novidade que as entrevistas trouxeram foram que os jovens disponibilizam esses dados porque acreditam que conseguem controlar as informações que são publicadas para que só pessoas de confiança possam ter acesso.

Esse resultado bate com uma pesquisa realizada em julho de 2012 pela Hi Mídia em parceria com a M.Sense em que se constatou que os usuários demonstram algum tipo de cuidado com a privacidade nas redes sociais. Quarenta e cinco por cento dos entrevistados brasileiros possuem perfil privado no Facebook, visível somente por amigos – número menor que os apontados em pesquisas de comportamento nos Estados Unidos, onde 59% dos usuários têm perfis privados (fonte: PewResearch Center; dezembro de 2011). No entanto, os cuidados são negligenciados com os elevados percentuais de compartilhamento de fotos (63%), vídeos (29%), informações pessoais (35%) e de localização (14%). Dessa maneira, pode-se notar que por mais que os usuários utilizem as ferramentas do Facebook para controlar quem vê seus conteúdos, na ânsia de compartilhar ou de mostrar a rotina, os jovens acabam pondo em risco essas informações.

Em relação as motivações e sobre os porquês de compartilhar momentos com suas conexões, fica claro que não são todos os momentos que os jovens compartilham. Eles têm preferência em postar momentos de felicidade ou momentos em que consideram que estão bonitos ou em algum momento que vão transmitir mensagens de sucesso, beleza, riqueza, popularidade e etc. Não apenas para o próprio ator, mas também para suas conexões sociais. É como se quisessem provar ou mostrar que têm uma vida agitada e com diversão. Ouso afirmar que querem transmitir um senso de perfeição para seus laços sociais e esconder situações em que há tristeza, frustração ou momentos em que o ator se encontra constrangido ou se considerando “inferior” aos seus laços sociais.

Segundo Castro (2010) não é difícil detectar que a felicidade tornou-se atributo central no discurso moderno. Nesta época o “eu” é produto no competitivo mercado das subjetividades, projetar-se como pessoa “dinâmica” e “de bem com a vida” tornou-se *must*. Independentemente de faixa etária, gênero, classe socioeconômica as regras do

bem viver devem ser seguidas à risca para que não sofra os horrores da rejeição, do ostracismo ou do escárnio. Castro ainda cita que:

“Na draconiana dietética social prescrita para se atingir a felicidade almejada universalmente, “pecados imperdoáveis”, como excesso de peso, sinais de envelhecimento, fadiga, fraqueza, hesitações, inseguranças e incertezas, o tédio, os diversos tipos de padecimento e, sobretudo, a dor de existir que nos fazem humanos, quiçá demasiadamente humanos, devem ser evitados a todo xeque nessa era “da felicidade compulsiva e compulsória” (CASTRO, 2010).

E isso fica mais claro quando as maiorias dos entrevistados ficam tristes quando determinada publicação não tem muitas curtidas, ou seja, não tem muita visibilidade ou a visibilidade esperada. Assim, a uma seleção de momentos para postar no Facebook, normalmente postagens em que o indivíduo tem certeza que irão o destacar. Nessa caso, como já comentado antes, momentos de felicidade e de sucesso são o tipo de publicação que mais dão audiência positiva para os jovens no Facebook.

Contudo, seria muita prepotência afirmar que só passar a mensagem de uma vida perfeita é a principal motivação que os jovens têm ao postar algo na rede social. Pelas entrevistas, é possível observar que as postagens também tem o intuito dos atores de interagir com suas conexões sociais. Essa análise já foi feito no tópico “Discussões sobre a Etnografia virtual”, mas compensa enfatiza-la nesse tópico também. Os jovens postam coisas, principalmente assuntos relacionados aos seus gostos, para encontrar pessoas que curtam ou tenham gostos parecidos e com isso para iniciar uma sociabilidade online que pode ultrapassar a vida digital e podendo chegar ao mundo offline, para pessoas que só se conhecem no mundo virtual e passar do mundo offline para o mundo online entre pessoas que se conhecem na vida real. As próprias ações que ocorrem no Facebook podem ser assuntos para serem discutidos ou mencionados no contato face a face.

Rogério da Costa no artigo intitulado “Os afetos de Rede: Individualismo conectado ou interconexão do coletivo?” (2011) defende que estar inserido em uma rede social pode significar uma nova forma de relacionamento entre os indivíduos, mas não o garante. É preciso mais do que estar conectado à rede para criar uma coletividade, ou seja, uma conexão real. É preciso que haja interesses em comum. O filósofo americano Eugene Thacker no estudo “Redes, Enxames e Multidão (2010)”, afirma que o que dá sentido a um coletivo são os propósitos que os une e orientam, e não um padrão de

comportamento. Com base nesses pensamentos, Thacker levantou o seguinte questionamento: “Estamos conectados porque somos um coletivo, ou somos um coletivo porque estamos conectados?”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o intuito de compreender, em uma visão mais exploratória, o que motivam jovens a compartilharem partes da sua vida no Facebook. A hipótese de que os jovens se expõem nas redes sociais em busca de reconhecimento social e de status mostrou-se correta, mas um pouco reducionista. Foi muito determinismo da minha parte afirmar que apenas o exibicionismo motivava a amostra da pesquisa. Através de toda a pesquisa empírica e bibliográfica feita, foi possível ver que a busca de pertencimento, a busca de identidade e de uma sociabilidade com suas conexões sociais ou laços sociais também são motivações essenciais para esses jovens.

É curioso notar como a manutenção de laços sociais e de pertencimento é um tema antigo nas ciências sociais. Emile Durkheim através de várias obras, principalmente *Da divisão social do trabalho* (1978), já se preocupava em definir como fermentar novos mecanismos sociais para a manutenção da solidariedade entre as pessoas. No caso dele, as cooperativas profissionais e suas éticas iriam ser a base para uma nova ligação na sociedade, na medida em que o trabalho ganha centralidade na vida moderna. Se no século XIX era o trabalho, atualmente podemos dizer que as redes sociais são novos fenômenos de análise para tratar da questão sobre solidariedade.

Como se viu, o surgimento da Internet foi um fenômeno complexo que passou pelo meio militar, científico até “democratizar” seu acesso à população civil. “Democratização” aqui entre aspas porque se sabe que infelizmente muitas pessoas ainda não têm acesso a Internet, principalmente nas regiões mais pobres dos países do sul. Porém, os meios eletrônicos não foram responsáveis sozinhos por esses novos valores como “visibilidade” e a necessidade do olhar alheio sobre nossa vida.

Alguns valores já estavam rondando a sociedade moderna, graças a fatores mais macros (urbanização, sistema capitalista, sociedade industrial e do consumo) e mais micros (uma importância maior dos problemas privados e subjetivos e uma preocupação menor pelos interesses e assuntos públicos). Pode-se dizer que os meios eletrônicos apenas intensificaram ou canalizaram esses valores que já rondavam a sociedade.

Por mais que essas novidades tecnológicas tenham atraído à atenção de várias gerações, essas gerações vivenciam o contato com essas novas mídias de maneira diferente. E sem dúvida os jovens da geração Y e Z foram os que mais vivenciaram essa mudança, fazendo essa juventude ter suas especificidades se compradas às gerações

anteriores. Porém é importante realçar que nem sempre a juventude foi foco de análise das ciências sociais. Inicialmente porque ser jovem nem sempre foi valorizado ou existiu enquanto categoria. Como já mostrado, “juventude” foi uma construção social que surgiu apenas na era moderna. Porém, juventude não pode ser considerada uma categoria homogênea. Por isso mesmo o correto seria o termo “juventudes”. E justamente por ser uma categoria tão nova precisa ser amplamente estudada pelas ciências sociais.

Além dessas mídias digitais, a modernidade trouxe também a questão da identidade. No antigo regime em sociedades estamentais a identidade era mais ou menos estática e já estava determinada no nascimento. A modernidade trouxe essa fragmentação identitária. De um lado, deu mais liberdade para os indivíduos experimentarem novos papéis sociais, mas de outro trouxe angústia e uma busca constante de pertencimento e de questionamentos sobre quem sou eu. Essa fragmentação identitária e as redes sociais formaram uma combinação única: a possibilidade de criação de diferentes eus.

Por mais que essa pesquisa tenha um caráter exploratório, foi possível chegar a resultados interessantes e apontar tendências, mas claro que há limitações, desafios e futuras análises sobre esse tema. Uma das limitações foi à amostra relativamente pequena que pode ter limitado os resultados e as discussões desse trabalho. Porém, uma amostra maior pode ser uma sugestão para pesquisas posteriores sobre o tema. Outra sugestão futura de análise é fazer uma pesquisa comparativa, ou seja, observar se as motivações dos jovens de Brasília são semelhantes ou diferentes de jovens de outros Estados. Outro estudo interessante sobre essa temática poderia ser se há diferenças entre classes sociais e até mesmo se cursos universitários diferentes podem interferir sobre as preferências de publicação nas redes sociais.

Eu realmente espero que esse trabalho abra possibilidade e indague novas pesquisas sobre como as redes sociais estão modificando e transformando as relações entre sujeitos. As ciências sociais não podem mais negar que a tecnologia faz parte do dia a dia das sociedades ocidentais e que esse novo cotidiano trás questionamentos que devem ser analisados e compreendidos. Além disso, espero também que esse trabalho possa levar a reflexão sobre como estamos utilizando as redes sociais e como utiliza-la de maneira a potencializar todas as suas capacidades.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena W. Cenas juvenis. São Paulo: Scritta, 1994.
- ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- ASSIS, Machado. O Espelho e outros contos machadianos. São Paulo: Editora Scipione, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BECKER, Howard Saul. Segredos e Truques de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
- BUORDIEU, Pierre. A Distinção - Crítica Social do Julgamento. São Paulo: Editora Usp, 2006.
- CASTELLS, Manuel. Galáxia Internet. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.
- CASTELLS, Manuel. Poder da Identidade. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.
- CASTRO, Gisele. Para repensar a felicidade nos dias atuais. In: Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. FREIRE FILHO, João (org.). Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.
- CIRIACO, Douglas. O que é a Geração Z? Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/curiosidade/2391-o-que-e-a-geracao-z-.htm>. Acessado em 15 de março de 2017.
- CORRERIA, Pedro Miguel e MOREIRA, Maria. Novas formas de comunicação: Uma história do Facebook – Uma história necessariamente recente. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=508&sid=40>. Acesso em 18 de março de 2017.

COSTA, Rogério. Os afetos de Rede: Individualismo conectado ou interconexão do coletivo? Disponível em:

<http://www.iararevista.sp.senac.br/arquivos/noticias/arquivos/178/anexos/pdf.pdf>.

Acessado em 16 de maio de 2017.

DAQUINO, Fernando. A história das redes sociais: como tudo começou. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>. Acessado em: 31/05/2016.

DEBORD, Guy. Sociedade do Espetáculo. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. Acessado em 12 de fevereiro de 2016.

DE ROURE, Gracy. Orkut e a Socialização de Jovens. In: CANEZIN, Maria e GUIMALHÕES, Sônia. Juventude e Contemporaneidade. Goiânia: Editora UFG, 2009.

DOLL, Johannes. Gerações – um olhar para o “Problema das Gerações” de Karl Mannheim. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/317/317>. Acessado em 12 de fevereiro de 2017.

FEREIRA, Gil Bapdista. Rostos do Facebook: a formação da identidade nas redes sociais. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2015/04/n9-B4.pdf>. Acessado em 19 de maio de 2017.

GIDDENS, Anthony. Transformações da Intimidade. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2002.

GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2004.

ISLAS, Antônio José. Juventude: Um conceito em disputa. In: CANEZIN, Maria e GUIMALHÕES, Sônia. Juventude e Contemporaneidade. Goiânia: Editora UFG, 2009.

JUNOR, Gilberto. Amostragem Teórica. Disponível em: <http://designinterativo.blogspot.com.br/2006/08/amostragem-terica.html>. Acessado em 5 de janeiro de 2017.

LE BRETON, David. Sociologia do Corpo. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEÓN, Oscar. Uma revisão das Categorias de Adolescência e Juventude. In: CANEZIN, Maria e GUIMALHÕES, Sônia. Juventude e Contemporaneidade. Goiânia: Editora UFG, 2009.

MAGALHÃES, Marina e PAIVA, Claudio. Estilos de identidade nas redes sociais de relacionamento. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/11702>. Acessado em 16 de março de 2017.

MARTINS, Ana Rita. A importância do grupo para os jovens. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1862/a-importancia-do-grupo-para-os-jovens>. Acessado em 19 de maio de 2017.

MATSUKI, Edgard. Pesquisa mostra como os adolescentes usam internet no Brasil. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/10/pesquisa-tic-kids-online-brasil>. Acessado em 3 de janeiro de 2017.

MORCH, Sven. Sobre el desarrollo y los problemas de la juventude: el surgimento de la juventude como concepción sociohistórica. JOVENES, Revista de Estudios Sobre Juventud, n 1. México: IMJ, 1996.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria; EUGENIO, Fernanda (Orgs). Culturas Jovens. Novos Mapas do Afeto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.

PENA, Felipe e MARTINS, Talita. Baby Boomers, X e Y: Diferentes gerações “coexistindo” nos ambientes organizacionais. Disponível em: <http://blog.newtonpaiva.br/pos/e10-adm-01-baby-boomers-x-e-y-diferentes-geracoes-coexistindo-nos-ambientes-organizacionais/>.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>. Acessado em 4 de janeiro de 2017.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo e globalização. São Paulo: Editora Usp, 1990.

SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público. São Paulo: Editora Record, 2014.

SERRANO, Daniel. Geração X, Geração Y, Geração Z. Disponível em: http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Geracao_X_Geracao_Y_Geracao_Z.htm. Acessado em 13 de fevereiro de 2017.

SIBILIA, Paula. O Show do Espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIMMEL Georg. A Metrópole e a vida Mental. In: VELHO, OTÁVIO. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, 1967.

SILVIA, Ana Mafalda. Sociedade da informação. Disponível em: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2007011.pdf>. Acessado em 15 de março de 2017.

THACKER, E. “Networks, Swarms, Multitudes”, Ed. Arthur and Marilouise Kroker, Disponível em: www.ctheory.net/articles.aspx?id=422. Acessado em 18 de maio de 2017.

VELHO, Gilberto; DIAS, Fernando. Juventude Contemporânea. Culturas, Gostos e Carreiras. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2010.

VICENTIM, Roberto. O que são web 1.0, web 2.0 e web 3.0? Disponível em: <http://www.ex2.com.br/blog/web-1-0-web-2-0-e-web-3-0-enfim-o-que-e-isso/>. Acessado em 19 de junho de 2016.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como Estilo de Vida. In: VELHO, Otávio. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, 1967.

WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982.

Comitê Gestor da Internet no Brasil. Uso da Internet pelo celular cresce entre os brasileiros, revela Cetic.br. Disponível em: <http://www.cgi.br/noticia/releases/uso-da-internet-pelo-celular-cresce-entre-os-brasileiros-revela-cetic-br/>. Acessado em 01/05/2016.

ANEXOS

Entrevista 01

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 21

Local de moradia: Gama

Sexo: F

Curso: Ciências Sociais

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Local de estudo e data de aniversário (sem o ano).

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Fotos minhas, fotos com os amigos, vídeos de músicas e notícias sobre política.

**Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar
maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie
e colocar na rede social?**

Uma maneira de registrar um momento e de fazer homenagens aos amigos.

**Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que
você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que
faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?**

Não me sinto muito bem. Falta da privacidade e não sabe as intenções das pessoas em
relações as publicações. Não compartilha coisas muito íntimas.

**Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e
não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?**

Não sinto mal estar. Acho ridículo.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Não.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Porque não posto todo meu cotidiano. Acho que pessoas mal intencionadas não conseguiram fazer nada com as informações que eu publico.

Entrevista 2

1. Dados Básicos:

Você tem Facebook: Sim

Idade: 20

Local de moradia: Guará

Sexo: F

Curso: Geofísica

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Data de aniversário, Local de estudo.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Olhar grupos e falar algumas coisas. Não uso muito.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneiro que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Essas pessoas querem status e curtidas. Querem que pessoas gostem delas.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Só para mostrar. Pessoas querem parecer felizes.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Não.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Não.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Publico pouca coisa e não tem perigo.

Entrevista 03

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 20

Local de moradia: Lago Norte

Sexo: F

Curso: Letras - Português

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Data de aniversário, Local de estudo (incluindo o curso), local de trabalho.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Fotos minhas sozinhas só quando tem alguma festa, compartilho matérias de jornais, alguns vídeos, músicas e fotos com amigos em eventos.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Gosto de compartilhar meus momentos com meus amigos do Facebook. Quero que minha família veja o que eu estou fazendo. Posto algumas foto para mostrar que estou linda também.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Me sinto bem. Quero mostrar às pessoas que eu estou feliz.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Mal estar não. Mas fico triste quando cometam algo negativo ou ofensivo.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Não.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Um comportamento meio automático. A gente acha que nunca vai acontecer nada com a gente.

Entrevista 04

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 18

Local de moradia: Asa norte

Sexo: F

Curso: Agronomia

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Eu disponibilizo local de moradia, local de estudo, local de trabalho, data de aniversário, status do relacionamento. Praticamente tudo.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Posto praticamente fotos com meus amigos e fotos do tipo selfie.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Eu gosto de mostrar para as pessoas onde eu fui e os lugares que eu frequento. Passar raiva (inveja) nas “inimigas”.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Eu me sinto bem. Estou em um momento bom e gosto de compartilhar. É fato que ninguém posta uma foto feia.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Eu excluí tudo que não tem audiência. Me senti mal de as pessoas não notarem uma foto que postei e coisas do tipo.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Sim. Acho as coisas de segurança no face seguras.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 05

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 21

Local de moradia: Sobradinho

Sexo: F

Curso: Letras

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Local de estudo, local de trabalho, relacionamentos e data de aniversário.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Poemas, “frases legais” (frases existenciais), músicas e fotos (com o namorado e com amigos).

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

A interação que isso causa. Colocar aí como forma de aguardar as lembranças. Gosto de colocar lugares que vou para as pessoas acharem legal e assim que elas tenham vontade de conhecer.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Gosto de mostrar um lugar que eu fui. Posto tudo mesmo.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Hoje em dia não muito. Mas, antigamente isso me incomodava mais. É ruim não ser notada.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Sim. Acho que as informações que compartilho não podem me prejudicar.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 06

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 18

Local de moradia: Sobradinho

Sexo: F

Curso: Turismo

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Cidade em que vivo, data de aniversário e local de estudo.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Vídeos de música, selfie e fotos com os amigos.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneiro que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

O motivo principal é compartilhar minhas vivencias com meus amigos.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Compartilhar minha vida me faz me sentir bem. Você está se sentido bem na hora que tá querendo compartilhar.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Senti mal estar sim. Uma sensação de estar sozinho. Ninguém liga para minhas postagens.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Não totalmente.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Controlo o que as pessoas veem com os mecanismos que o facebook oferece. Isso me deixa menos inseguro.

Entrevista 07

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 20

Local de moradia: Sobradinho

Sexo: F

Curso: Turismo

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Cidade, data de aniversário, relacionamentos e local de estudo.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Fotos do tipo Selfies, memes, músicas e fotos em geral.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Vivenciando um momento legal tem que compartilhar. Transmitir uma experiência boa.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

É legal divulgar partes do seu cotidiano. Sendo bem honesta, é uma forma de chamar a atenção.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Nas postagens antigas assim. Um pouco de se sentir sozinha, solidão.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Não totalmente.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Quero participar do grupo de amigos que tenho. Mostrar para eles o que eu estou fazendo na vida.

Entrevista 08

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 21

Local de moradia: Taguatinga

Sexo: F

Curso: Turismo

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Só local de estudo.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Compartilho alguns vídeos, imagens que eu acho interessantes (não quis especificar), matérias sobre saúde e sobre minhas séries favoritas.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Acho que é uma maneira de compartilhar momentos, acho interessante. Posto coisas que me atraíam muito. Compartilhar algo que eu gosto e as pessoas comentarem que gostam também.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Me sinto bem quando um post ajuda as pessoas. Fazer amizade com pessoas que têm interesse parecido.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Já apaguei sim. As vezes penso se não fico postando coisas demais. Apago algumas coisas para diminuir a quantidade de coisas na minha página do face.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Não.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Depende muito mais de você do que do facebook. Você tem que ter consciência do que posta.

Entrevista 09

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 19

Local de moradia: Sudoeste

Sexo: F

Curso: Geologia

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Curso que eu faço, data de nascimento e escola do ensino médio que eu frequentei.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Praticamente posto fotos (com amigos e do meu cachorro).

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneiro que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Se uma foto fica bonita eu quero mostrar para os outros. Por isso eu posto.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Eu gosto de saber o que os outros estão achando e comentando sobre as coisas que eu posto.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Eu não ligo.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Nem sempre.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Deixo minhas informações só para as pessoas que conheço através dos mecanismos que o face oferece.

Entrevista 10

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 20

Local de moradia: Águas Claras

Sexo: F

Curso: Química Tecnológica

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Data de aniversário, incluindo a idade; curso e cidade atual.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Memes, textos sobre tecnologia, poucas fotos do tipo selfie.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneiro que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Para guardar como lembrança um lugar maneiro que fui. Ficar registrado.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Me sinto bem quando vou postar e lembro do momento vivido.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Já mas é raramente. Fiz uma tag uma vez, quando fiz... ninguém comentou. Me senti como se ninguém importasse.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Sim. Compartilho coisas gerais. Coisas que acho que não me fariam mal.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 11

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 22

Local de moradia: Guará

Sexo: M

Curso: Engenharia da Computação

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Eu costumo disponibilizar todos os dados: Local de trabalho e estudo, cidade de nascimento, data de aniversário, status de relacionamento.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Costumo publicar fotos meus amigos e algumas selfies. Além de vídeos de música.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

É como você se apresenta para outras pessoas. Um momento de alegria das pessoas por usar.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Me sinto bem porque compartilho coisas da minha vida com a minha família. Para eles saberem que eu estou bem. E é legal também ver a reação das pessoas sobre o que você tá fazendo.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Muitas vezes fiz isso. Mas não por falta de curtida. Fiz porque achei as coisas que postei antigamente meio paia demais.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Sim mas no limite. Quando você disponibiliza seus dados já era.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 12

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim **Idade:** 21

Local de moradia: Águas Claras

Sexo: M **Curso:** Agronomia

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Data de aniversário, local de estudo e cidade onde moro.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Apenas fotos com os amigos.

**Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar
maneiro que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie
e colocar na rede social?**

Tirar foto para recordação. Lembrar dos amigos.

**Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que
você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que
faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?**

Gosto de zoar os meus amigos. Curtir da cara deles.

**Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e
não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?**

Não. Geralmente sei que vou receber poucas curtidas e por isso nem ligo.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Sim. Posto poucas informações.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 13

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 20

Local de moradia: Park Way

Sexo: M **Curso:** Agronomia

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Data de aniversário, local de estudo e local de moradia.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Muito difícil postar eu postar foto. Posto mais foto com os amigos.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Não tenho dinheiro para fazer muita coisa. Uma hora quando tenho dinheiro é hora de curtir e de compartilhar com os amigos do face.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Não sei direito. Talvez as pessoas querem mostrar para os outros que estão bem.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Não. Nunca.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Nunca postei muita coisa íntima. Não tem perigo.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 14

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 18

Local de moradia: Asa Norte

Sexo: M

Curso: História

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Data de aniversário, cidade e local de estudo.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Fotos com meus amigos, memes e vídeos do Youtube.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneiro que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Querer compartilhar momentos bons com meus amigos. E mostrar para eles o que eu estou fazendo.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Me sinto bem porque os momentos que compartilho sei que podem atingir as pessoas de forma positiva de alguma maneira.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Não. Não tenho muitas curtidas mesmo.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Me sinto seguro. Não compartilho nada que seja muito perigoso.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 15

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 20

Local de moradia: Ceilândia

Sexo: M

Curso: Letras

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Eu posto tudo. Local de estudo, trabalho e local de moradia. Data de aniversário, status do relacionamento. Os membros da minha família.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Tudo. Foto com os amigos, selfies, memes, vídeos do Youtube, como estou me sentindo.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneiro que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Basicamente posto foto quando acho que estou bonito. Um pouquinho de narcisismo.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Me faz sentir bem é a possibilidade de eternizar aquele momento.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Mal esta nesse sentido não senti não. Apaguei porque tinha vergonha das coisas que eu publicava antes. Via uma publicação antiga e pensava: “Como eu era trouxa!”.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Sim. Meu Facebook é todo trancado. Eu acho que tenho controle sobre quem pode ver minhas coisas.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 16

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 19

Local de moradia: Asa Norte

Sexo: M

Curso: Audiovisual

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Data de aniversário, local de estudo e moradia.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Só Vídeos.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

O que me leva compartilhar é que minha postagem pode ter identificação com as outras pessoas. Ao postar algo perceber quais outras pessoas também curtem aquilo.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Não sei responder direito. Eu quase não compartilho nada.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Bem pouco. Às vezes eu penso: “Putz, seria legal se as pessoas achassem interessante o que eu estou compartilhando”.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Não me sinto seguro.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Não consigo ver como os dados que compartilho podem me prejudicar.

Entrevista 17

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 22

Local de moradia: Lago Norte

Sexo: M

Curso: Arquitetura

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Aniversário (sem ano), local de estudo e cidade onde moro.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Posto fotos com amigos e selfies conectados ao instagram e vídeos

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Necessidade social de mostrar. E tem uma questão de pressão social também. Todo mundo compartilhando acabo compartilhando também.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Me sinto bem sim. Gosto de saber o que está acontecendo com as pessoas. Me sinto bem em compartilhar algo e as pessoas se identificarem com aquilo.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Já me senti mal sim. Inclusive posto as coisas em horários específicos em que há a possibilidade de ter mais curtidas.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Não. Muito.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Não posto muita coisa como público. Então eu consigo meio que controlar as informações.

Entrevista 18

1. Dados Básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 21

Local de moradia: Asa Sul

Sexo: M

Curso: Arquitetura

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Número de telefone, email, links de outras redes sociais, lugar de moradia, local de estudo, data de aniversário etc.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Posto o que estou fazendo da vida. O que eu estou pensando. Fotos de locais que significam algo para mim e fotos com os amigos.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Um gosto de nostalgia, relembrar o momento. Saber quem interage comigo, quem curte as mesmas coisas que eu curto.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Curto quando meus amigos curtem minhas coisas. Quando a gente se encontra tem coisas para falar.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Sim. Quando não tenho muitas curtidas sinto que minhas publicações não atingiram as pessoas. Elas não veem minhas coisas.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Sim. Não compartilho coisas que vão fazer pessoas me sequestrarem.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 19

1. Dados Básicos

Você tem Facebook? Sim

Idade: 19

Local de moradia: Cruzeiro

Sexo: M Curso: Geologia

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Cidade, idade, curso e local de estudo.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Fotos com os amigos, memes e coisas engraçadas.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Não sei. Acho que é uma forma de mostrar o cotidiano.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Sinto bem porque tenho amigos que não vejo faz tempo. É bom saber o que eles estão fazendo e eles saberem o que eu estou fazendo.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Não. Não muito.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Sim. Não posto coisas muito perigosas e que me ponham em risco.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

Entrevista 20

1. Dados básicos:

Você tem Facebook? Sim

Idade: 20

Local de moradia: Asa Sul

Sexo: M

Curso: Turismo

2. Você e o Facebook:

Quais dados pessoais você disponibiliza no seu Perfil do Facebook?

(Ex: Local de moradia, local de estudo, data de aniversário etc)

Data de aniversário e local de estudo.

O que você costuma publicar na sua *timelinedo* Facebook?

(Ex: Fotos com amigos, fotos do tipo selfie, check in, memes, vídeos do Youtube etc).

Praticamente imagens de paisagens e fotos com os amigos.

Em sua opinião, quais são os motivos que levam você a compartilhar um lugar maneira que você foi, uma foto de um lugar balado com os amigos, tirar uma selfie e colocar na rede social?

Me sinto bem por sentir bem. Legal compartilhar momentos bons para mim.

Você se sente bem compartilhando seus afazeres, compras recentes, lugares que você visitou, ou seja, parte do seu cotidiano no Facebook? Em sua opinião, o que faz você se sentir tão bem ao compartilhar esses momentos?

Eu me sinto bem. Compartilhar as fotos interessantes das viagens que eu faço. É legal ver as pessoas curtirem o que eu curto. Além de achar semelhanças entre meus gostose dos meus amigos.

Quando você olha para suas publicações passadas, já sentiu mal ao postar algo e não ter alguma curtida ou comentário? Poderia explicar como foi essa mal estar?

Sim. Parece que as pessoas estão nem aí. Sentimento pós-moderno.

Poderia me dizer se você se sente segura ao compartilhar informações pessoais e parte do seu cotidiano no Facebook?

Sim. Consigo controlar que as pessoas veem.

Se não, por que ainda compartilha seus dados?

